

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PPGS/FCH
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

LUCIELE DE OLIVEIRA PAULINO

**ESTILO DE COMUNICAÇÃO POPULISTA DIGITAL: O DISCURSO DA NOVA
DIREITA NO PROGRAMA O PINGO NOS IS**

Dourados- MS

2025

LUCIELE DE OLIVEIRA PAULINO

**ESTILO DE COMUNICAÇÃO POPULISTA DIGITAL: O DISCURSO DA NOVA
DIREITA NO PROGRAMA O PINGO NOS IS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Davide Giacobbo Scavo

Dourados- MS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P328e Paulino, Luciele De Oliveira

ESTILO DE COMUNICAÇÃO POPULISTA DIGITAL: O DISCURSO DA NOVA DIREITA NO PROGRAMA O PINGO NOS IS: ESTILO DE COMUNICAÇÃO POPULISTA DIGITAL: O DISCURSO DA NOVA DIREITA NO PROGRAMA O PINGO NOS IS [recurso eletrônico] /

Luciele De Oliveira Paulino. -- 2025.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Dr. DAVIDE GIACOBBO SCAVO.

Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. POPULISMO DIGITAL. 2. NOVA DIREITA. 3. PINGO NOS IS. I. Scavo, Dr. Davide Giacobbo. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Dedico esta dissertação á todos que dela possam se beneficiar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me abençoar durante todo percurso do programa e permitir que este trabalho fosse realizado. Além disso, agradeço a pessoas que ele colocou no meu caminho e que ajudaram que esse momento fosse possível:

Minha mãe

Meu pai

Meus amigos, que acreditaram em mim, as vezes, mais do que eu mesma

Professor Dr. Davide...

Professora Dra. Dani...

Professor Dr. Dennis...

Professor Dr. Cláudio...

Professor Dr. Renato...

Professora Dra. Marisa...

Colegas de turma...

A Instituição UFGD, de maneira simbólica

E a mim mesma...

RESUMO

Este estudo investigou o estilo de comunicação populista digital adotado pela nova direita no Brasil, tendo como objeto empírico o programa jornalístico *Os Pingos nos Is*, veiculado pela Jovem Pan. Partindo do referencial teórico de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, aliado às contribuições de Letícia Cesarino, Jorge Wink e Camila Rocha, a pesquisa analisou como a retórica populista da nova direita se manifesta em ambientes digitais e contribui para a construção de antagonismos políticos, mobilização emocional e desqualificação de adversários. O objetivo geral foi compreender de que maneira o estilo comunicacional populista digital se configura no discurso do programa *Os Pingos nos Is*, com foco nas eleições de 2018 e 2022. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar os elementos retóricos que sustentam o antagonismo populista, mapear os efeitos discursivos sobre a audiência e examinar a construção de equivalências simbólicas entre os apresentadores e o campo político da nova direita. A metodologia consistiu em um estudo de caso com abordagem qualitativa, baseado na construção de uma narrativa analítica a partir de dados coletados de 52 episódios selecionados do programa *Os Pingos nos Is*, transmitidos nos meses de setembro e outubro dos anos eleitorais de 2018 e 2022. O corpus foi submetido à análise textual com uso do software IRaMuTeQ, por meio da Classificação Hierárquica Descendente e da geração de Nuvens de Palavras, permitindo observar a frequência, associação e hierarquização dos termos empregados nos discursos. Os dados foram organizados por temas dominantes e confrontados com a literatura sobre populismo digital, retórica e tecnopolítica. Os resultados evidenciaram a presença constante de elementos típicos do estilo populista, como a dicotomização entre povo e elite, o uso intensivo de linguagem afetiva, o recurso a memes, ironias e analogias religiosas, bem como a ênfase em inimigos internos e externos. A análise das classes hierárquicas e das nuvens de palavras indicou a predominância de expressões relacionadas à moralidade, antipetismo, deslegitimação institucional e masculinidade conservadora. Verificou-se ainda uma mudança no grau de radicalização entre os ciclos eleitorais analisados, com intensificação da retórica ofensiva em 2022. Conclui-se que o programa *Os Pingos nos Is* opera como uma plataforma de difusão de um estilo populista digital alinhado à nova direita brasileira, articulando recursos retóricos e tecnopolíticos que contribuem para a formação de um campo discursivo polarizado. Ao construir equivalências entre os apresentadores, figuras políticas e valores conservadores, o discurso mobilizado favorece a identificação afetiva e a adesão ideológica de uma audiência amplificada pelas redes.

Palavras-chave: Populismo digital; Nova direita; Retórica; Tecnopolítica; Comunicação política.

ABSTRACT

This study investigated the digital populist communication style adopted by the new right in Brazil, using as its empirical object the journalistic program *Os Pingos nos Is*, broadcast by Jovem Pan. Drawing on the theoretical framework of Ernesto Laclau and Chantal Mouffe, along with contributions from Letícia Cesarino, Jorge Wink, and Camila Rocha, the research analyzed how the populist rhetoric of the new right manifests in digital environments and contributes to the construction of political antagonisms, emotional mobilization, and disqualification of opponents. The general objective was to understand how the digital populist communication style is configured in the discourse of *Os Pingos nos Is*, focusing on the 2018 and 2022 elections. The specific objectives were to characterize the rhetorical elements that sustain populist antagonism, map the discursive effects on the audience, and examine the construction of symbolic equivalences between the presenters and the political field of the new right. The methodology consisted of a qualitative case study, based on the construction of an analytical narrative from data collected from 52 selected episodes of *Os Pingos nos Is*, aired in September and October of the 2018 and 2022 election years. The corpus was subjected to textual analysis using the IRaMuTeQ software, through Descending Hierarchical Classification and Word Cloud generation, enabling observation of the frequency, association, and hierarchy of terms used in the discourses. The data were organized by dominant themes and confronted with literature on digital populism, rhetoric, and technopolitics. The results revealed the constant presence of typical elements of the populist style, such as the dichotomy between people and elite, the intensive use of affective language, the use of memes, irony, and religious analogies, as well as emphasis on internal and external enemies. The analysis of hierarchical classes and word clouds indicated the predominance of expressions related to morality, anti-petismo, institutional delegitimization, and conservative masculinity. A change in the degree of radicalization was also observed between the electoral cycles analyzed, with an intensification of offensive rhetoric in 2022. It is concluded that *Os Pingos nos Is* functions as a platform for disseminating a digital populist style aligned with the Brazilian new right, articulating rhetorical and technopolitical resources that contribute to the formation of a polarized discursive field. By constructing equivalences between presenters, political figures, and conservative values, the mobilized discourse fosters affective identification and ideological adherence from an audience amplified through digital networks.

Keywords: Digital populism; New right; Rhetoric; Technopolitics; Political communication.

LISTA DE SIGLAS

PT- Partido dos Trabalhadores

CHD- Classe Hierárquica Descendente

MBL- Movimento Brasil Livre

UE- União Europeia

PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I.....	13
LINGUAGEM NEOPOPULISTA: ORIGEM.....	13
1.1 A construção do discurso (neo) populista.....	14
1.2 O surgimento do neopopulismo de direita em escala global.....	19
CAPÍTULO II.....	25
O MOMENTO POPULISTA DA NOVA DIREITA BRASILEIRA.....	25
2.1 Emergência do discurso antipetista e sua centralidade retórica.....	26
2.2 O papel de intelectuais e a arquitetura discursiva da nova direita.....	31
CAPÍTULO III.....	42
A RETÓRICA POPULISTA DIGITAL DA NOVA DIREITA NO JORNAL OS PINGOS NOS IS.....	42
METODOLOGIA.....	46
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	60
5.1 Resultados.....	60
5.1.1 Ano de 2018.....	60
5.1.2 Ano de 2022.....	62
5.2 Discussão.....	64
CONCLUSÃO.....	72
REFERENCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

O cenário político brasileiro nos períodos pré-eleitorais de 2018 e 2022 foi marcado por acentuada instabilidade democrática e intensa polarização, delineando um campo político dicotômico. A disputa entre os eleitores de Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva se consolidou como uma cisão intransponível, inviabilizando o surgimento de uma alternativa viável de terceira via. Essa clivagem contribuiu para a reconfiguração discursiva das eleições, que deixaram de ser apenas uma escolha de governo para se tornarem batalhas simbólicas entre projetos antagônicos de nação (Mouffe, 2020; Laclau, 2013).

Diversos fatores históricos e conjunturais contribuíram para a emergência de uma retórica antissistema, entre os quais se destacam o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a descrença generalizada nas instituições políticas, a crise econômica, a judicialização da política e o crescimento da influência religiosa evangélica no debate público. Esses elementos possibilitaram o fortalecimento de uma nova gramática política associada ao conservadorismo e à crítica aos partidos tradicionais, especialmente ao Partido dos Trabalhadores (PT), catalisando o surgimento de uma nova direita no Brasil (Rocha, 2021; Wink, 2023).

Em ambas as eleições, tornou-se perceptível um sentimento coletivo de rejeição à chamada “velha política” — uma rejeição que se expressou principalmente no antipetismo como afeto agregador e força mobilizadora. Esse sentimento foi fundamental para a construção de uma narrativa sobre o passado, o presente e o futuro político do país, forjada nos moldes discursivos da nova direita. Nessa narrativa, o PT assumia o papel de inimigo moral e político da nação, e sua derrota era vista como condição necessária para a regeneração do país (Marques; Carlos, 2025).

A esse processo, a literatura política contemporânea tem atribuído o nome de “momento populista”, entendido como o período em que setores significativos da sociedade se percebem desassistidos por uma elite política supostamente incapaz de representar seus interesses, recorrendo, então, à construção de novas identidades políticas em chave antagônica (Mouffe, 2020). Trata-se da ativação de uma lógica discursiva que divide o campo político entre “nós” e “eles”, entre povo e elite, promovendo uma rearticulação das fronteiras simbólicas da representação (Laclau, 2013).

No caso brasileiro, esse momento populista foi ocupado majoritariamente por forças à direita, que passaram a se identificar como o “verdadeiro povo” contra uma elite associada à esquerda, especialmente ao lulismo. Tal construção retórica ancorou-se em uma denúncia

constante da corrupção, do suposto autoritarismo de esquerda e da ameaça moral representada pelas pautas progressistas, conformando uma retórica de restauração e purificação nacional (Cesarino, 2022; Oliveira; Leite; Marques, 2021).

A partir da perspectiva de Laclau (2013), o populismo pode ser compreendido como um estilo discursivo estruturado em torno da construção de antagonismos. Nesse sentido, a nova direita brasileira passou a operar uma retórica de identificação em que o "inimigo" era personificado por Lula e seus apoiadores, descritos como corruptos, imorais e responsáveis pela degradação nacional. Em oposição, esse novo “povo” emergente — ora indignado, ora messiânico — assumia o papel de herói regenerador da ordem democrática, ainda que por meio de sua subversão simbólica (Cesarino, 2022).

O populismo, portanto, não se limita à proposição de reformas, mas adota um estilo de comunicação performativo, combativo e simplificador, baseado na denúncia, na revelação de supostas ameaças e na proposição de soluções diretas para problemas complexos. Essa retórica populista transforma adversários em inimigos morais e os dissensos em batalhas épicas entre o bem e o mal. Como destacam Block e Negrine (2017), esse estilo carrega uma força persuasiva que não reside apenas no conteúdo, mas na forma como a mensagem é veiculada — direta, emocional, provocadora e polarizadora.

A comunicação populista de direita demonstrou uma notável capacidade de adaptação ao contexto de crise brasileira, assumindo contornos ora contraditórios, ora coesos, mas sempre eficazes em sua performatividade. Mesmo com variações internas, esse discurso conservador permaneceu como força estruturante do debate político, ramificando-se entre diferentes formas de ceticismo político, neoconservadorismo ou mesmo bolsonarismo (Wink, 2023; Avelino; Silveira; Souza, 2018).

A partir de 2016, esse estilo de retórica antissistema encontrou campo fértil nos meios digitais, especialmente no YouTube, que passou a funcionar como plataforma privilegiada de disseminação de conteúdos políticos com apelo emocional e antagonizante. Grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), liderado por Kim Kataguiri, além de influenciadores como Nando Moura e Arthur do Val (Mamãe Falei), tornaram-se expoentes dessa chamada “direita algorítmica” — termo que designa atores que adaptaram sua linguagem à lógica de visibilidade e engajamento das plataformas digitais (Cesarino, 2019b; Neto; Negreiros, 2022).

Nesse cenário, o jornalismo digital passou a desempenhar papel ambíguo. Embora a função do jornalismo tradicional seja a de informar com imparcialidade, no Brasil esse ideal esteve historicamente vinculado a interesses políticos e econômicos de elites familiares que dominaram os grandes meios de comunicação (Lima, 2004). Com a migração de parte da

audiência para plataformas digitais, surgiu um novo ecossistema de informação no qual as mídias alternativas também passaram a disputar a construção da verdade pública.

No contexto da expansão da dieta informacional digital no Brasil, marcada pela barateamento dos equipamentos e pela descentralização da produção de conteúdo, jornais transmitidos pelo YouTube passaram a exercer funções que extrapolam o campo informativo, inserindo-se em disputas narrativas altamente politizadas. Essas mídias digitais, ao absorverem e adaptarem os estilos comunicacionais populistas, passaram a mediar a construção simbólica da política de maneira performática e emocional, muitas vezes orientada por um viés monocultural, antielitista e moralizador (Engesser *et al.*, 2017; Hameleers; Bos; De Vreese, 2017).

Entre os veículos de destaque nesse cenário está o jornal *Os Pingos nos Is*, transmitido pela Jovem Pan no YouTube desde 2016, cuja audiência se ampliou significativamente nos períodos eleitorais de 2018 e 2022. Caracterizado por um viés conservador explícito e pela presença de comentaristas como Felipe Moura Brasil, Augusto Nunes e Guilherme Fiuza, o programa chamou atenção por seu formato direto, satírico e afetivamente engajado, em que o conteúdo político era apresentado de modo dinâmico, simplificado e provocador, flertando com o entretenimento e atraindo, com isso, um público fiel e mobilizado (Cesarino, 2022).

Diante do contexto de crise de representatividade e da ascensão de estilos comunicacionais populistas mediados pelas plataformas digitais, torna-se pertinente investigar se e como os discursos veiculados por jornalistas do *Os Pingos nos Is* durante os períodos pré-eleitorais de 2018 e 2022 reproduziram elementos da retórica populista de direita. A pergunta que se coloca é: haveria, nesse material, uma estrutura narrativa que delineasse antagonismos claros, mobilizasse emoções negativas contra adversários políticos e exaltasse uma concepção homogênea de povo? E mais: em que medida a mediação algorítmica do YouTube teria favorecido a circulação e a eficácia simbólica dessa retórica?

A compreensão do populismo como estilo comunicacional, mais do que como ideologia ou estratégia, coloca o foco no “como” se fala, e não apenas no “que” é dito. Nesse sentido, o populismo opera como uma moldura discursiva, em que a performance política se manifesta através de uma linguagem carregada de afetos, dicotomias e simplificações. Como propõe Mazzoleni (apud Mazzola, 2023, p. 125), essa moldura estilística é central para entender os efeitos persuasivos do populismo midiático, especialmente quando adaptado às dinâmicas interativas das redes.

Sob essa ótica, o estilo adotado pelos comunicadores não apenas transmite opiniões, mas potencializa engajamentos. A forma de apresentar os argumentos — por meio de recursos como

ironia, repetições, metáforas de guerra e simplificações — pode gerar maior adesão e compartilhamento, funcionando como gatilho afetivo e político. A esse respeito, Cesarino (2018) aponta que o populismo digital consiste no uso estratégico e sistemático das mídias digitais para alinhar conteúdo discursivo à lógica algorítmica, ampliando o alcance e a ressonância de determinadas narrativas.

Dessa maneira, este estudo busca compreender como o programa *Os Pingos nos Is*, no ambiente do YouTube, mobilizou uma retórica populista durante os períodos eleitorais analisados, investigando não apenas o conteúdo verbal, mas também os efeitos produzidos por sua forma, estilo e contexto de circulação. Para tanto, analisam-se os discursos emitidos por jornalistas durante 52 programas, sendo 34 episódios de setembro e outubro de 2018 e 18 de setembro e outubro de 2022 — momentos de acentuada polarização política no país.

A abordagem metodológica adotada é qualitativa, estruturada como estudo de caso, com base em análise narrativa. Foram aplicadas categorias da literatura sobre populismo midiático — como centralidade popular, antielitismo e monoculturalismo (Hameleers; Bos; De Vreese, 2017) — às falas dos comentaristas, buscando compreender como se construíram os antagonismos centrais da retórica observada.

O material foi transcrito com o auxílio do Word Transcribe, organizado em corpus textual e processado por meio do software Iramuteq, que possibilita a análise léxica, identificação de temas recorrentes e mapeamento de vocabulário político.

A partir de ferramentas como a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e a Nuvem de Palavras, a análise procurou identificar a presença de uma linguagem caracteristicamente populista, articulada em torno de inimigos nomeáveis, medos difusos e um “povo” homogêneo e moralmente valorizado. Essa leitura também considera a hipótese de que o próprio conceito de populismo, como argumenta Cesarino (2018), passou a ser performado por sujeitos e instituições que se apropriam de sua gramática política como tática retórica de mobilização.

Estruturalmente, a dissertação organiza-se em três capítulos. O primeiro discute as bases teóricas do populismo enquanto estilo discursivo, com ênfase nas contribuições de Laclau e Mouffe, além de estabelecer conexões com a retórica aristotélica e com a noção de *erística*. Também apresenta a transição do populismo tradicional para o populismo digital, destacando o papel das mídias sociais nesse processo. O segundo capítulo analisa o momento populista da nova direita brasileira e o papel de figuras como Olavo de Carvalho na construção discursiva desse campo político, com base em conceitos como *cyberesfera*, *bolsosfera* e *metaenquadramento*, conforme propostos por Cesarino. O terceiro capítulo apresenta as

análises empíricas a partir das transcrições dos episódios do programa, interpretando os elementos centrais da retórica populista de direita, em diálogo com a literatura especializada.

Assim, pretende-se contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre comunicação política no Brasil contemporâneo, oferecendo elementos para compreender como a retórica populista digital, articulada por veículos jornalísticos de viés conservador, tem operado na reconfiguração simbólica do espaço público e na legitimação de novas formas de dominação política.

CAPÍTULO I

LINGUAGEM NEOPOPULISTA: ORIGEM

Para compreender a lógica da comunicação neopopulista adotada pela nova direita brasileira entre os anos de 2018 e 2022, especialmente nos discursos proferidos por jornalistas do programa *Os Pingos nos Is*, é necessário investigar a formação conceitual do populismo enquanto construção discursiva. Este capítulo parte das formulações teóricas de Ernesto Laclau (1935–2014) e Chantal Mouffe (1943–), cujos trabalhos oferecem uma abordagem retórica e performativa do populismo no interior das democracias liberais. Diferente de análises que reduzem o populismo a uma ideologia, regime ou patologia democrática, este estudo compreende-o como estilo discursivo, estrutura retórica e forma específica de articulação política (Laclau, 2005; Mouffe, 2020; Cesarino, 2022).

Complementarmente, são incorporadas contribuições da tradição retórica clássica, particularmente o triângulo aristotélico (ethos, pathos, logos), além da comunicação erística conforme delineada por Arthur Schopenhauer, visando demonstrar como o discurso populista se sustenta por estratégias de convencimento que operam por vias emocionais e simbólicas, mais do que por argumentação racional estruturada. Em termos metodológicos, trata-se de localizar os recursos estilísticos que viabilizam a criação de antagonismos, a simplificação narrativa e a construção de identidades coletivas polarizadas — componentes centrais do populismo discursivo.

A qualificação “neo” atribuída ao populismo está associada à incorporação de novas materialidades de enunciação, notadamente os ambientes digitais. A intensificação do uso das plataformas sociais como espaços de mediação política implicou na transformação da linguagem populista em uma linguagem algorítmica, moldada pela lógica da viralização, da performatividade e da retroalimentação afetiva (Cesarino, 2022). Este deslocamento contemporâneo do populismo para os espaços digitais exige, portanto, uma análise do vínculo entre forma discursiva, tecnopolítica e estruturas cognitivas moldadas pelos sistemas de recomendação (Neto; Negreiros, 2022).

Ainda neste capítulo, a discussão será ampliada com uma análise de manifestações retóricas populistas no contexto internacional, a partir dos discursos de Donald Trump (Estados Unidos), Marine Le Pen (França) e Viktor Orbán (Hungria), com o objetivo de evidenciar padrões discursivos que se repetem e circulam transnacionalmente — especialmente a construção do povo como unidade moral homogênea, o antielitismo, e o monoculturalismo.

Trata-se de identificar, nessas falas, a codificação da retórica populista de direita e sua adaptação aos formatos digitais, apontando para o caráter performativo globalizado dessa linguagem.

1.1 A construção do discurso (neo) populista

O termo “populismo”, como apontam diversos autores, apresenta um histórico conceitual ambíguo. Originalmente vinculado a regimes autoritários latino-americanos do século XX — como o de Getúlio Vargas no Brasil e o de Juan Perón na Argentina —, o conceito adquiriu contornos pejorativos, frequentemente associado à manipulação das massas e à ameaça à ordem liberal-democrática (Rocha, 2021). Nessa acepção, o populismo seria incompatível com a democracia representativa, sendo descrito como um risco à estabilidade institucional e à racionalidade política.

Contudo, a perspectiva adotada neste trabalho, ancorada em Laclau (2013) e Mouffe (2020), recusa a concepção do populismo como desvio e o insere no interior da própria lógica democrática, como resposta discursiva à crise de representação. Nesse enquadramento, o populismo seria “a forma lógica de articulação política que emerge quando a cadeia hegemônica falha em dar conta das demandas sociais não atendidas” (Laclau, 2005, p. 81). O populismo não se opõe à democracia, mas opera como mecanismo de reconfiguração do espaço político, a partir da articulação de equivalências entre demandas heterogêneas, convertendo-as em identidade coletiva — o povo.

Esse povo, contudo, não é uma entidade sociológica ou demográfica, mas um significante discursivo construído performativamente. Como afirma Laclau (2005, p. 150):

“Agora devo explicar o agente precipitante do laço de equivalência: a identidade popular enquanto tal. Eu disse que as relações de equivalência não iriam além de um vago sentimento de solidariedade, caso não se cristalizassem em uma certa identidade discursiva. É unicamente esse momento de cristalização o que constitui o povo do populismo” Laclau (2005, p. 150).

A centralidade da linguagem na constituição do populismo torna indispensável a atenção aos seus mecanismos discursivos. A divisão antagônica entre “nós” e “eles” — povo versus elite, cidadãos de bem versus corruptos, patriotas versus traidores — não é apenas um conteúdo político, mas uma forma de produção simbólica com alta carga retórica. A oposição é forjada

discursivamente, e sua eficácia depende da repetição, simplificação e da ancoragem afetiva com o público (Cesarino, 2022).

O antagonismo construído no discurso populista tem como função estruturar a identidade do “povo” a partir da negação do “outro”. Para Laclau (2005), essa oposição é constitutiva da lógica política e não acidental. A divisão entre campos — nós/eles, povo/elite, moral/ímoral — estabelece o terreno simbólico no qual emergem os significantes privilegiados que sustentam a cadeia de equivalência. É nessa estrutura que o populismo se diferencia de outras formas de articulação: ele não propõe soluções técnicas ou administrativas, mas um redesenho radical das fronteiras políticas e simbólicas do espaço público.

O processo de equivalência discursiva, como explica Laclau, ocorre quando demandas particulares, inicialmente isoladas, passam a ser articuladas em torno de uma identidade comum. Essas demandas, ao encontrarem entre si um denominador afetivo comum — a insatisfação diante da ordem vigente —, passam a formar uma cadeia de significação que se condensa no significante “povo”. A chave está na transformação de demandas democráticas em demandas populares, isto é, em enunciados que reivindicam não apenas soluções pontuais, mas uma redefinição do sistema político e moral (Laclau, 2005).

Essa articulação, porém, não resulta em uma identidade homogênea. A totalidade construída pelo populismo é sempre uma totalidade falida — composta por elementos heterogêneos unidos por uma lógica equivalencial que abstrai suas diferenças. O “povo” é, portanto, um significante vazio:

“Como sabemos, a identidade popular precisa ser condensada em torno de alguns significantes (palavras, imagens) que se referem à cadeia de equivalência como uma totalidade. Quanto mais extensa a cadeia, menos esses significantes serão ligados às suas demandas particularistas originais. Isso quer dizer que a função de representar a relativa ‘universalidade’” (Laclau, 1989, p. 154).

Essa lógica implica que a força do discurso populista está menos na coerência interna de suas propostas e mais na sua capacidade de condensar afetos diversos em um eixo simbólico comum. Isso explica por que discursos populistas podem reunir sob o mesmo rótulo demandas contraditórias, desde que todas compartilhem a sensação de exclusão ou desprezo por parte do sistema estabelecido. Como observa Mouffe (2020), o populismo constrói uma “fronteira política”, na qual o povo se articula contra uma elite que se apresenta como corrupta, autoritária ou desviante dos valores nacionais.

Essa fronteira não é estática nem essencialista: ela se redefine conforme os contextos históricos e os agentes envolvidos. Os significantes vazios — povo, elite, corrupção, verdade, moralidade — funcionam como molduras flexíveis que recebem diferentes conteúdos conforme a conjuntura. A retórica populista, portanto, é tanto uma estratégia de poder quanto uma gramática de reconhecimento. Seu funcionamento depende da repetição simbólica, da dramatização dos conflitos e da criação de um inimigo absoluto que legitime a mobilização coletiva (Cesarino, 2022; Wink, 2023).

Importa salientar que a força do populismo como linguagem política reside na sua eficácia performativa. O populista não apenas representa demandas: ele as encena. Seu discurso não visa o convencimento racional no modelo deliberativo tradicional, mas a mobilização afetiva — ou seja, convencer pela emoção, pelo medo, pela esperança ou pela indignação. O populismo de direita, em particular, se destaca por sua ênfase em elementos como o ressentimento, o moralismo e o apelo ao “homem comum”, atributos frequentemente associados ao conservadorismo cultural (Wink, 2023; Cesarino, 2019b).

É nesse ponto que a teoria retórica aristotélica se torna um instrumento útil de análise. Aristóteles, ao formular a tríade *ethos*, *pathos* e *logos*, destacou que a eficácia persuasiva do discurso depende não apenas do argumento lógico (*logos*), mas também da credibilidade do orador (*ethos*) e da mobilização das emoções da audiência (*pathos*). O populismo, ao articular essas três dimensões, constrói performances que geram identificação simbólica imediata. O líder se apresenta como parte do povo (*ethos*), evoca indignação ou medo (*pathos*) e propõe soluções simples e moralizadas (*logos*), ainda que muitas vezes pouco desenvolvidas racionalmente.

Esse aspecto performativo foi aprofundado por Mouffe (2020), ao indicar que os afetos têm papel central na política contemporânea. Para a autora, é ilusório pensar a esfera pública como um espaço regido apenas por argumentos racionais. A disputa política envolve também formas de pertencimento emocional e simbólico. O populismo, nesse sentido, opera como uma resposta à tecnocratização da política e à neutralização do dissenso promovida por consensos liberais:

“O populismo vale-se de uma comunicação que mobiliza afetos, da raiva, do desprezo, do abandono, do desencanto democrático e, podemos dizer, da negação de tudo que está aí. Os populistas se alimentam desses sentimentos e dessas emoções mais ou menos difusas do mundo contemporâneo” (Mouffe, 2020, p. 20).

Além da retórica clássica, vale incorporar a *erística* como chave de leitura para compreender o modo como a retórica populista opera no confronto simbólico. Schopenhauer

(2005), em seu tratado sobre a dialética erística, aponta que o objetivo de certos discursos não é a verdade, mas a vitória. Essa concepção se aproxima da lógica performativa do populismo, que muitas vezes se estrutura em torno da desqualificação do oponente, do uso de falácias ad hominem e da simulação de diálogos como forma de imposição da própria narrativa. A erística, ao valorizar a aparência de razão em detrimento da substância racional, se torna elemento recorrente na retórica populista da nova direita.

Os discursos analisados no programa *Os Pingos nos Is* revelam traços dessa prática, pois evidenciam uma estilização do antagonismo: os jornalistas-personagens recorrem a ridicularizações, simplificações e associações morais para construir a imagem de um inimigo desprezível, geralmente associado à esquerda ou ao petismo. Tais estratégias produzem efeitos de verdade que se sustentam menos em comprovações empíricas e mais na repetição performática de códigos simbólicos — “corrupção”, “ditadura comunista”, “cidadão de bem”, “sistema aparelhado” — que se repetem como mantras de identificação.

O populismo de direita, nesse contexto, faz uso de uma linguagem com marcas específicas: simplificações sintáticas, expressões coloquiais, repetições intensificadoras, binarismos morais e personalização das causas sociais e políticas. A linguagem é moldada de maneira a parecer espontânea e autêntica, mesmo quando inserida em dispositivos midiáticos estruturados (Wink, 2023). Essa teatralização do cotidiano político aproxima o jornalismo opinativo de formatos narrativos próprios do entretenimento, fenômeno já observado na literatura sobre infotainment e jornalismo de opinião nas plataformas digitais (Cesarino, 2022).

A virada digital do populismo ampliou sua capacidade de ressonância. De um lado, a arquitetura algorítmica das redes sociais favorece a difusão de mensagens curtas, emocionais e polarizadoras; de outro, o declínio da confiança em instituições tradicionais de mediação (como partidos, universidades e imprensa) fortaleceu vozes que falam “como o povo” ou “pelo povo”. No Brasil, o contexto pós-impeachment e a crise de representatividade criaram um terreno fértil para esse tipo de linguagem, sobretudo entre os jovens inseridos nas chamadas *bolsosferas* (Cesarino, 2019b).

A noção de estilo populista, nesse cenário, extrapola o conteúdo do discurso e se expressa no modo como se comunica: trata-se de uma “moldura estética” que organiza não apenas o que se diz, mas como se diz, a quem se diz e com que finalidade se diz. Segundo Mazzoleni (2023, p. 125), “o estilo populista de comunicação consiste menos em uma ideologia fixa e mais em uma gramática emocional e simbólica que estrutura o campo discursivo.” Essa gramática organiza o discurso em torno de eixos como a denúncia (contra a elite), a glorificação (do povo) e o apelo à ação direta (como retomar o país, acabar com o sistema, restaurar a moral).

A linguagem populista no ambiente digital encontra nos canais de YouTube, como *Os Pingos nos Is*, uma arena privilegiada. A estética visual direta, o tom oralizado e a interação com comentários em tempo real possibilitam a simulação de proximidade com o público, o que reforça a identificação com os apresentadores. O caráter informal da plataforma, associado ao estilo combativo dos apresentadores, cria um ethos de autenticidade e rebeldia contra a mídia tradicional. Essa configuração permite que o discurso populista se propague como uma “verdade alternativa” que contesta as narrativas hegemônicas e oferece uma versão moralmente superior da política.

É importante destacar que o estilo de comunicação populista não se limita aos discursos políticos institucionalizados, mas se estende aos discursos jornalísticos, opinativos e midiáticos. A personalização do comentário, o uso de memes, o tom irônico, a dramatização de fatos cotidianos e a estetização do conflito são marcas desse estilo. Assim, o populismo de direita no Brasil deve ser compreendido também como um fenômeno comunicacional — uma performance discursiva que se articula nas mídias digitais e nos dispositivos de visibilidade contemporâneos (Cesarino, 2022; Wink, 2023).

Com base nesse arcabouço conceitual, é possível afirmar que o populismo, sobretudo em sua forma digital, não depende necessariamente da liderança de uma única figura carismática, mas pode ser encenado por coletivos comunicadores, como jornalistas, influencers ou youtubers, desde que assumam os elementos retóricos descritos anteriormente. O caso do programa *Os Pingos nos Is* revela essa tendência: ao invés de um líder individualizado, há uma constelação de comentaristas que compartilham um ethos discursivo comum, articulado em torno do antissistema, da denúncia moral e da exaltação do povo conservador.

Esse deslocamento do populismo da figura do “grande líder” para uma performance comunicacional distribuída marca uma inflexão relevante nos estudos da área. Segundo Cesarino (2022), o que se vê atualmente é uma “desinstitucionalização da autoridade política”, na qual o prestígio dos atores se constrói mais pela aderência ao estilo populista do que por representações formais. Trata-se de uma mudança na lógica de legitimação, que passa a operar segundo os princípios de viralidade, autenticidade emocional e engajamento digital, típicos da economia da atenção.

Ao considerar o estilo populista como um conjunto de práticas discursivas que atravessam o campo midiático, compreende-se por que seu impacto vai além das fronteiras nacionais. A partir de 2016, uma onda global de líderes e movimentos neopopulistas de direita passou a adotar estratégias comunicacionais semelhantes, o que permitiu identificar padrões discursivos recorrentes: uso intensivo de redes sociais, desprezo por veículos tradicionais,

ataque a inimigos internos e externos, simplificação de dilemas complexos e reivindicação de um retorno a valores supostamente autênticos ou originários (Wink, 2023).

Nos Estados Unidos, a ascensão de Donald Trump inaugurou um ciclo no qual a retórica populista passou a ser amplamente associada à linguagem digital. Trump utilizava o Twitter como seu canal principal de comunicação, subvertendo a lógica da mediação jornalística e performando sua conexão direta com o “verdadeiro povo americano”. No mesmo período, líderes como Marine Le Pen na França, Viktor Orbán na Hungria e Matteo Salvini na Itália também utilizaram estratégias semelhantes para articular uma gramática política baseada em fronteiras morais rígidas, nacionalismo cultural e apelos identitários (Cesarino, 2019b).

Esses casos ilustram como o estilo neopopulista de direita se consolidou como um fenômeno transnacional, adaptando-se às particularidades culturais de cada país, mas mantendo uma retórica reconhecível. Em todos eles, há a construção de uma narrativa dicotômica, a valorização do “povo comum”, o ataque às elites globalistas, a simplificação dos conflitos políticos e a estetização da política como espetáculo. Tais elementos servem como referência para a análise da conjuntura brasileira, na qual o programa *Os Pingos nos Is* pode ser interpretado como uma expressão midiática dessa onda discursiva internacional.

Esse panorama permite, assim, transitar do referencial teórico-conceitual para a contextualização do caso brasileiro, que será aprofundado no capítulo seguinte. A hipótese que orienta esta pesquisa é que o programa *Os Pingos nos Is* se constitui como uma arena de vocalização do populismo de direita digital, utilizando estratégias retóricas que reforçam a polarização política e promovem a consolidação de uma identidade conservadora antissistema.

1.2 O surgimento do neopopulismo de direita em escala global

A emergência do estilo neopopulista de direita como uma forma hegemônica de comunicação política global a partir de 2016 não pode ser dissociada de um contexto de crises múltiplas: econômicas, institucionais, culturais e representacionais. Tal cenário contribuiu para a ascensão de lideranças políticas que reconfiguraram o espaço público a partir de práticas discursivas que escapam às convenções liberais tradicionais. Em diferentes partes do mundo, a crise de mediação entre representantes e representados gerou uma demanda por discursos que prometessem reconexão direta com o povo, simplificação da política e identificação clara de inimigos (Laclau, 2005; Mouffe, 2018).

O populismo, nessa nova fase, tornou-se mais performático, emocional e mediado por plataformas digitais. A figura de Donald Trump, eleito presidente dos Estados Unidos em 2016, sintetiza esse novo paradigma. Sua comunicação política baseava-se em slogans fáceis de memorizar (“Make America Great Again”), no ataque frontal à mídia tradicional, na constante criação de antagonismos (“fake news”, “deep state”, “China”), e na mobilização de afetos como raiva, medo e ressentimento. Além disso, seu uso sistemático do Twitter permitia a produção de uma narrativa em tempo real, que misturava política, entretenimento e escândalo – configurando, assim, o que Cesarino (2018) denominaria de populismo digital.

No caso francês, Marine Le Pen, líder da Frente Nacional, também investiu em uma estética comunicacional baseada na dramatização dos conflitos culturais e na idealização de uma identidade nacional ameaçada pela imigração e pelo cosmopolitismo liberal. Na Hungria, Viktor Orbán consolidou seu poder com base em discursos nacionalistas e xenofóbicos, que se comunicavam diretamente com o povo via redes sociais, veículos públicos e canais alternativos. Em todos esses casos, o uso do meio digital foi determinante para criar canais de comunicação direta, contornando a intermediação institucionalizada e produzindo uma sensação de espontaneidade e verdade revelada (Cesarino, 2022).

O estilo neopopulista de direita não é apenas uma adaptação das formas clássicas de populismo, mas uma atualização ajustada aos códigos das plataformas digitais. Essa atualização se dá tanto no conteúdo quanto na forma: os discursos são curtos, agressivos, altamente visuais e organizados em torno de uma lógica binária entre bem e mal, nós e eles. Segundo Cesarino (2022), a lógica das redes opera como uma fábrica de visibilidade, premiando conteúdos polarizadores e emocionalmente intensos, que geram mais cliques, compartilhamentos e comentários. Assim, a retórica populista se adapta perfeitamente à infraestrutura algorítmica que recompensa a intensidade afetiva.

No Brasil, essa dinâmica começou a ganhar força após as manifestações de 2013, mas se consolidou após o impeachment de Dilma Rousseff, a ascensão de figuras como Jair Bolsonaro e a popularização de canais alternativos de informação no YouTube, Twitter e WhatsApp. A desconfiança generalizada nas instituições e a rejeição às elites políticas tradicionais abriram espaço para um discurso que se apresentava como a única voz legítima do povo contra o sistema corrompido. O antipetismo, nesse processo, operou como elo articulador das insatisfações, permitindo a emergência de uma narrativa unificadora que personificava o mal na figura do Partido dos Trabalhadores e de seus aliados (Wink, 2023).

No contexto brasileiro, o estilo neopopulista de direita manifestou-se com singular força a partir de 2016, combinando elementos discursivos do populismo clássico com a lógica digital

da comunicação contemporânea. A crise institucional após o impeachment de Dilma Rousseff, os escândalos de corrupção revelados pela Operação Lava Jato e o colapso de confiança nos partidos tradicionais contribuíram para a radicalização do discurso político, abrindo espaço para vozes que se posicionavam fora do sistema e contra ele. Foi nesse terreno fértil que a retórica da nova direita encontrou condições para se consolidar.

A eleição de Jair Bolsonaro em 2018 representou o ápice dessa articulação discursiva. Sua campanha foi construída com base em ataques à esquerda, exaltação de valores tradicionais e promessas de ordem e moralização do Estado. Contudo, mais do que o conteúdo, o que chamou atenção foi a forma como esse discurso foi veiculado: predominantemente pelas redes sociais, em lives no Facebook, vídeos curtos no WhatsApp e declarações polêmicas no Twitter. Assim como Trump, Bolsonaro desprezou a mediação dos grandes veículos jornalísticos e estabeleceu um canal direto com seu público, criando uma sensação de autenticidade e conexão emocional (Cesarino, 2022).

Além de Bolsonaro, outros agentes discursivos passaram a desempenhar um papel fundamental na difusão do estilo populista de direita. Entre eles, destaca-se Olavo de Carvalho, cuja atuação como “intelectual orgânico” da nova direita forneceu substrato ideológico para o antipetismo e a crítica às instituições democráticas liberais. Seu discurso combinava esoterismo, anticomunismo, revisionismo histórico e ataques morais a inimigos simbólicos. Mesmo à distância, atuava como referência retórica e teórica para diversos comunicadores, influenciando tanto militantes quanto jornalistas simpáticos à nova direita (Wink, 2023).

Nesse cenário, plataformas como o YouTube assumiram centralidade estratégica. A chamada “direita algorítmica”, composta por canais como MBL, Nando Moura e Mamãe Falei, produziu conteúdos com forte apelo emocional, narrativas polarizadoras e linguagem agressiva, utilizando estratégias de edição, memes e humor ácido. Tais canais funcionaram como dispositivos de formação política e como vetores de radicalização discursiva. Essa direita algorítmica, segundo Cesarino (2019a), articula-se por meio de um ecossistema comunicacional caracterizado por lógica horizontal, fragmentação discursiva e engajamento performático.

É nesse ambiente que se insere o programa *Os Pingos nos Is*, cuja análise será objeto central desta dissertação. Transmitido em plataformas digitais e rádio, o jornal conquistou grande audiência ao adotar uma postura ostensivamente crítica ao PT, ao STF e a outras instituições identificadas como elites corruptas. A linguagem direta, irônica e moralizante de seus comentaristas se alinha aos elementos típicos da retórica populista: construção de antagonismos, apelo ao povo, deslegitimação do sistema representativo e simplificação das

causas da crise. O sucesso do programa pode, assim, ser compreendido como parte da adaptação da retórica populista às novas formas de mediação digital (Cesarino, 2022).

O êxito do discurso populista digital no Brasil não pode ser compreendido sem considerar os efeitos estruturais produzidos pelas plataformas digitais e seus dispositivos de visibilidade. Nesse sentido, a contribuição teórica de Letícia Cesarino (2022) é central para compreender como os algoritmos, os formatos interativos e as métricas de engajamento transformaram o espaço público contemporâneo em uma arena performativa, na qual discursos populistas se adaptam com grande eficiência. O conceito de *cyberesfera* proposto pela autora descreve um ambiente de comunicação em rede, caracterizado pela fragmentação da audiência, pela desinformação e pela construção de comunidades afetivas polarizadas.

Na *cyberesfera*, os laços entre emissores e receptores se reorganizam por afinidades ideológicas e emocionais, permitindo o surgimento de agrupamentos discursivos relativamente autônomos, como a *bolsoesfera*. Esse termo, cunhado por Cesarino (2022), designa o ecossistema digital de apoio a Jair Bolsonaro, formado por páginas, canais, perfis e influenciadores que difundem um discurso anti-establishment e moralizante. A *bolsoesfera* não é homogênea, mas compartilha uma estrutura discursiva marcada pela dicotomia entre o “povo honesto e trabalhador” e as “elites corruptas e degeneradas”. Nela, o estilo populista não é apenas tolerado, mas incentivado pelo funcionamento algorítmico das plataformas.

Um dos conceitos mais inovadores trabalhados por Cesarino é o de *metaenquadramento*. Esse termo se refere à capacidade de determinados discursos reordenarem não apenas a narrativa de um evento específico, mas o próprio enquadramento cognitivo e afetivo com o qual os sujeitos acessam a realidade política. O *metaenquadramento* cria uma espécie de lente ideológica totalizante, capaz de ressignificar eventos em função de um repertório fixo de valores, inimigos e ameaças. Assim, discursos populistas digitais são bem-sucedidos não apenas por sua contundência, mas por sua plasticidade metalinguística – ou seja, sua capacidade de fornecer modelos de interpretação e ação para os sujeitos engajados.

Aplicado ao caso do programa *Os Pingos nos Is*, o conceito de *metaenquadramento* permite compreender como os comentaristas do jornal, ao longo das eleições de 2018 e 2022, construíram uma gramática própria de interpretação dos fatos políticos. As notícias não eram apenas relatadas ou opinadas, mas inseridas em um sistema de significação no qual a esquerda era sempre o agente do caos, da corrupção ou do atraso, enquanto os políticos alinhados à nova direita apareciam como promotores da ordem e da verdade. Esse enquadramento contínuo, ainda que baseado em dados parciais ou distorcidos, gerava uma previsibilidade argumentativa que facilitava o engajamento e a identificação do público.

A difusão do estilo populista digital da nova direita no Brasil, portanto, não deve ser entendida apenas como resultado de um projeto político conservador, mas como um fenômeno comunicacional que mobiliza afetos, identidades e antagonismos. Como argumenta Laclau (2013), o discurso populista opera pela lógica da equivalência, isto é, pela articulação de uma cadeia de demandas sociais insatisfeitas em torno de uma significação comum — geralmente condensada na figura de um líder carismático ou de uma identidade moral superior. No caso brasileiro, o discurso antipetista cumpriu essa função, aglutinando sujeitos diversos sob a bandeira do combate à corrupção, à ideologia de gênero e ao globalismo.

Esse processo de equivalência discursiva depende da construção de um inimigo, tal como também enfatiza Mouffe (2015). O populismo não elimina o conflito político, mas o canaliza simbolicamente por meio de uma oposição irreconciliável entre o “nós” e o “eles”. No Brasil recente, essa oposição se manifestou na figura de “nós, o povo honesto, patriota e cristão” contra “eles, os corruptos, os comunistas, os progressistas e seus aliados no Judiciário e na mídia tradicional”. Essa operação simbólica não apenas produziu coesão identitária entre os apoiadores da nova direita, mas também moldou a forma como os fatos eram interpretados e experienciados politicamente.

A retórica populista não se sustenta, entretanto, apenas pelo antagonismo. Ela requer performatividade comunicativa, ou seja, um modo de enunciação que seja capaz de capturar a atenção, provocar reações e criar reconhecimento mútuo entre emissores e receptores. Como destaca Cesarino (2022), os discursos de direita na esfera digital brasileira se caracterizam por um estilo que combina informalidade, sarcasmo, dramatização e moralização. Essa estética comunicacional constitui um repertório de estilo que desafia as convenções da racionalidade jornalística e aposta em formatos híbridos entre informação e entretenimento, como se observa em programas como *Os Pingos nos Is*.

Esse estilo performático, amplificado por plataformas como YouTube, rompe com o ideal de imparcialidade jornalística e adere a uma lógica de engajamento baseada em conflito, exclusão e repetição de chavões. Não se trata de oferecer um diagnóstico analítico da realidade política, mas de convocar emocionalmente o público a tomar partido, reforçando crenças preexistentes e ampliando a distância simbólica entre os campos políticos. A retórica populista, nesse sentido, não é apenas um conteúdo, mas uma forma de presença comunicativa no espaço público.

Dessa forma, o primeiro capítulo desta dissertação procurou estabelecer os fundamentos teóricos e históricos do estilo de comunicação populista de direita, com ênfase na sua emergência e consolidação no ambiente digital. A partir das contribuições de Laclau (2013) e

Mouffe (2015), compreendeu-se o populismo como uma lógica discursiva que constrói identidades políticas por meio da articulação de demandas equivalentes e da oposição a um inimigo comum. A esse quadro teórico somaram-se os aportes de Cesarino (2022) e Wink (2023), que situam o populismo contemporâneo na convergência entre performatividade retórica, plataformas digitais e crises da representação.

Observou-se que o populismo de direita no Brasil, especialmente a partir de 2016, apropriou-se dos dispositivos da *cyberesfera* para articular um discurso moralizante, antipetista e antielitista, repleto de metáforas emocionais e simplificações dicotômicas. Nesse sentido, o estilo comunicacional deixou de ser apenas uma variável estética e passou a configurar uma estratégia política eficaz de construção de hegemonia discursiva em meio à fragmentação do espaço público. O jornal *Os Pingos nos Is* exemplifica esse processo ao combinar linguagem informal, ataque a inimigos simbólicos e recorrência temática, resultando em forte adesão do público conservador.

A transição do populismo clássico para o populismo digital representa, portanto, uma reconfiguração das formas de articulação do “povo” no discurso político, atravessada por lógicas algorítmicas e padrões performativos. Como será demonstrado no próximo capítulo, essas dinâmicas foram centrais para a consolidação da chamada nova direita brasileira, cuja narrativa política se estrutura por meio da repetição de esquemas antagônicos, da moralização da política e da simplificação das crises sociais, econômicas e institucionais.

O Capítulo 2, portanto, abordará o *Momento Populista da Nova Direita Brasileira*, examinando como o discurso antipetista e os repertórios simbólicos da nova direita foram construídos e disseminados, com destaque para a atuação de intelectuais e comunicadores que moldaram a retórica política do período. A análise buscará identificar os elementos discursivos que permitiram a emergência de uma identidade política antissistema com forte apelo popular e repercussão midiática, articulando conservadorismo cultural, liberalismo econômico e autoritarismo moral sob o signo da “salvação nacional”.

CAPÍTULO II

O MOMENTO POPULISTA DA NOVA DIREITA BRASILEIRA

A crise de legitimidade que marcou o sistema político brasileiro na década de 2010 foi um terreno fértil para a emergência de discursos antissistema, especialmente aqueles vinculados ao campo da nova direita. Esse cenário foi amplificado pelo desgaste do Partido dos Trabalhadores (PT), acusado por opositores de ter institucionalizado a corrupção e promovido um projeto de poder autoritário. O processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, marcou a inflexão de um ciclo, mas também operou como catalisador de uma retórica moralizante que passou a representar a esquerda como inimiga da nação, da família e da liberdade.

A partir desse processo de rejeição, desenvolveu-se um discurso que buscava rearticular o “povo” contra uma elite identificada com a esquerda progressista, a burocracia estatal, o sistema judiciário e os grandes meios de comunicação. Nesse ponto, a teoria do momento populista proposta por Mouffe (2015) ajuda a compreender como a crise de representação foi acompanhada de uma reconfiguração das identidades políticas. O discurso populista, nesse contexto, emerge como uma estratégia de construção de fronteiras simbólicas entre “nós” e “eles”, que reorganiza o campo político a partir de novas oposições morais e afetivas.

O antipetismo tornou-se o principal significante vazio que unificou diferentes frações da nova direita brasileira. Tal como descreve Laclau (2013), significantes vazios são elementos discursivos com alto poder de articulação equivalencial, capazes de condensar múltiplas demandas sob uma identidade comum. No caso do Brasil, o PT passou a encarnar todas as falhas atribuídas ao sistema político: corrupção, aparelhamento estatal, ideologização da educação, desordem econômica e submissão internacional. Essa figuração simbólica não era construída apenas com base em dados factuais, mas por meio de operações retóricas reiterativas que estabeleciam vínculos causais simplificados entre os males do país e os agentes da esquerda.

A estrutura desse discurso respondia, conforme argumenta Wink (2023), a uma lógica conservadora de reação moral e política ao avanço de pautas progressistas. Nesse horizonte, as noções de ordem, tradição, autoridade e mérito foram resgatadas como valores centrais de uma identidade coletiva em disputa. O apelo à família, à religião e à pátria funcionava como operador de coesão simbólica entre sujeitos anteriormente dispersos, promovendo uma

comunhão imaginária capaz de sustentar o ressentimento e justificar o desejo de reversão do status quo político.

2.1 Emergência do discurso antipetista e sua centralidade retórica

A consolidação do discurso da nova direita brasileira não ocorreu de forma espontânea. Foi necessária a atuação de agentes intelectuais e comunicadores que sistematizaram um conjunto de ideias, valores e estratégias retóricas em torno de um inimigo comum: o petismo e o progressismo em geral. Entre essas figuras, destaca-se Olavo de Carvalho, cuja atuação combinou pensamento filosófico, crítica cultural e militância digital. Por meio de livros, vídeos, aulas e publicações em redes sociais, Olavo exerceu influência decisiva na construção de uma identidade política marcada por traços de anticomunismo, moralismo cristão, liberalismo econômico e autoritarismo institucional.

A obra de Olavo operou como um sistema interpretativo totalizante que buscava explicar os impasses da vida pública brasileira a partir de uma suposta dominação cultural da esquerda. Sua tese central era a de que o Brasil estava dominado por uma “revolução cultural gramsciana”, que operava de modo invisível por meio de escolas, universidades, imprensa e partidos políticos. Como aponta Wink (2023, p. 112), “o discurso olavista transforma qualquer divergência em evidência de complô, todo pluralismo em ameaça, toda crítica em traição nacional”. Essa visão conspiratória alimentava a polarização e convertia o debate público em guerra de narrativas, típica da lógica populista.

O próprio Olavo de Carvalho explicitava essa estratégia discursiva ao afirmar:

“A disputa política não se vence com bons argumentos, mas com a destruição da credibilidade do adversário. Antes de responder, desacredite; antes de dialogar, desqualifique. Não estamos numa arena racional, mas numa guerra moral.” (Carvalho, 2013, apud Wink, 2023, p. 118).

Essa orientação retórica não apenas informava o conteúdo dos discursos de seus seguidores, mas moldava sua forma de atuação pública. A repetição de chavões, a acusação de “marxismo cultural”, o uso de ironia, escárnio e ataques ad hominem tornaram-se marcas estilísticas da nova direita. Esse estilo confrontacional aproximava-se daquilo que Cesarino (2022) denomina de retórica performativa do populismo digital: uma linguagem que não busca apenas convencer, mas provocar, afetar, viralizar.

A dimensão pedagógica do discurso olavista consistia em fornecer ao seu público um vocabulário próprio, um “sistema de leitura” da realidade que dispensava a mediação da imprensa tradicional e da academia. Esse processo de formação discursiva produzia o que Laclau (2013) chamaria de equivalencialidade populista: a unificação de diferentes descontentamentos sob o antagonismo estrutural entre o povo e a elite. No Brasil, esse povo foi construído como o cidadão comum, cristão, patriota e trabalhador, enquanto a elite passou a ser representada pela esquerda intelectualizada, os artistas, os jornalistas e os professores universitários.

O estilo de comunicação forjado por Olavo de Carvalho influenciou profundamente os agentes da nova direita digital, que passaram a replicar sua retórica com pequenas adaptações às linguagens das redes. Personagens como Nando Moura, Kim Kataguirí, Mamãe Falei e outros integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL) tornaram-se referências da “direita algorítmica”, expressão cunhada por Cesarino (2022) para designar o modo como esses atores articulavam política, performance e plataforma em seus pronunciamentos públicos.

Nas palavras da autora:

“O populismo digital é caracterizado pela produção de afetos polarizantes e performativos, capazes de atrair audiências em plataformas organizadas por algoritmos de engajamento. Trata-se de uma forma de comunicação política que se adapta perfeitamente à lógica da viralização.” (Cesarino, 2022, p. 9).

Essa retórica, conforme analisado por Wink (2023), opera em torno de três eixos: o moralismo, que reduz a política a uma luta entre o bem e o mal; o anti-intelectualismo, que desqualifica saberes técnicos ou acadêmicos como instrumentos de dominação; e o autoritarismo afetivo, que substitui argumentos por declarações de força e emoção. Esse estilo expressivo condensa a crise de representação política em uma performance de rejeição, destinada não apenas a denunciar a elite, mas a ridicularizá-la.

O sucesso desses comunicadores e influenciadores não se explica apenas por seu conteúdo, mas por sua forma de dizer: uma combinação de linguagem direta, teatralidade, ironia e ataques frontais. A estética do enfrentamento substitui o debate racional, e o “discurso verdadeiro” emerge como denúncia e desmascaramento. Isso se aproxima da noção de “retórica populista” enquanto estilo, conforme definida por Mazzoleni (2023, p. 125):

“Falar de estilo comunicativo implica falar não no que se diz (a substância), mas em como se diz. O estilo aponta para uma moldura discursiva em que a

retórica populista se insere: marcada por dicotomias, simplificações e emocionalidade elevada.” Mazzoleni (2023, p. 125).

A nova direita brasileira, portanto, não apenas criticou o petismo ou as esquerdas; ela criou uma gramática própria de antagonismo, uma estética da denúncia moral, que contribuiu para consolidar uma identidade coletiva. A retórica do ressentimento, como a chama Wink (2023), tornou-se o cimento simbólico dessa nova subjetividade política, que se alimentava da indignação, da humilhação e do desejo de revanche social.

No contexto brasileiro, a difusão do discurso da nova direita populista ganhou intensidade e alcance por meio das redes sociais digitais, especialmente o YouTube, o Twitter e o WhatsApp. Essas plataformas não foram apenas veículos de disseminação de mensagens, mas parte constitutiva da forma e do sucesso da retórica populista. Cesarino (2022) propôs o conceito de *cyberesfera* para descrever esse novo ecossistema comunicacional, onde as fronteiras entre jornalismo, opinião, militância e entretenimento tornam-se cada vez mais difusas.

A *cyberesfera* consiste em uma rede descentralizada de produção e circulação de conteúdo político, na qual diferentes atores (cidadãos comuns, jornalistas, youtubers, influencers e políticos) operam simultaneamente. Nesse ambiente, segundo Cesarino (2022), emergiu a *bolsosfera*: um aglomerado de perfis, canais e páginas alinhadas ao projeto político bolsonarista, responsável por sustentar e amplificar discursos populistas de direita com características específicas. A *bolsosfera* não apenas compartilha pautas e valores, mas também um estilo comum de comunicação baseado em antagonismo, hiperexposição e performatividade.

Esse processo comunicacional está diretamente relacionado à noção de *metaenquadramento*, também cunhada por Cesarino (2022). Trata-se de um enquadramento discursivo de segundo nível, no qual as falas e ações da esquerda são sistematicamente reinterpretadas como estratégias de manipulação, dominação ou destruição nacional. Segundo a autora:

“O metaenquadramento populista opera ao deslocar o foco do conteúdo das críticas ao petismo para a forma como essas críticas são formuladas, afirmando que todo discurso contrário à direita é, por definição, um engodo ou uma conspiração.” (Cesarino, 2022, p. 11)

Esse estilo retórico busca mobilizar afetos negativos (raiva, medo, repulsa) e gerar identificação entre os seguidores por meio de uma constante reafirmação do “nós” (os cidadãos honestos) contra “eles” (os corruptos, os comunistas, os globalistas). O sucesso desse modelo

discursivo depende de sua replicabilidade nos ambientes digitais, da sua adequação à lógica algorítmica de engajamento e da sua capacidade de produzir narrativas simples, maniqueístas e afetivamente intensas.

Com isso, o populismo digital não pode ser compreendido como mera transposição do populismo tradicional para o meio virtual, mas como uma mutação discursiva que redefine os modos de construção simbólica da política. As categorias de *cyberesfera*, *bolsosfera* e *metaenquadramento* fornecem ferramentas analíticas para compreender como os elementos performáticos e os dispositivos digitais se articulam para sustentar um estilo populista de direita no Brasil contemporâneo.

Dentre os canais que melhor sintetizam o estilo retórico da nova direita digital no Brasil está o jornal *Os Pingos nos Is*, transmitido pela Jovem Pan e amplamente divulgado por meio do YouTube desde 2016. O programa se destacou nos períodos eleitorais de 2018 e 2022 por adotar uma linguagem acessível, direta, provocativa e fortemente alinhada a posições conservadoras. Sua estrutura, conduzida por jornalistas como Augusto Nunes, Guilherme Fiuza e Felipe Moura Brasil (em suas respectivas fases), alternava comentários analíticos com ironias, escárnio e acusações explícitas à esquerda, em especial ao Partido dos Trabalhadores.

Essa estética comunicacional aproxima-se daquilo que Cesarino (2022) descreve como populismo de mídia digital. O conteúdo não se restringia a informar ou interpretar os fatos, mas a produzir afetações no público, recorrendo à repetição de temas de denúncia moral, defesa da pátria, combate à corrupção, e descrédito à imprensa tradicional. A estrutura narrativa centrava-se no antagonismo constante, criando uma atmosfera de guerra simbólica.

A performance dos apresentadores do programa contribuía para a construção da imagem de um “jornalismo do povo”, que diz o que os “outros não têm coragem de dizer”. Essa construção identitária era reforçada por expressões populares, bordões repetidos, gestos teatrais e ênfases emocionais — características típicas de uma retórica populista centrada na identificação afetiva e na personalização do discurso. Tal como indica Wink (2023, p. 122), “a conversão da notícia em espetáculo moral, da análise em ressentimento performático, é uma das marcas centrais da nova direita midiática”.

O formato adotado por *Os Pingos nos Is* permite ainda relacionar sua comunicação ao que Mazzoleni (2023) entende como “monoculturalismo midiático populista”: uma perspectiva na qual o programa opera como um campo de reafirmação das próprias convicções do público-alvo, sem espaço para contradições ou divergências. A pluralidade de vozes, típica do jornalismo democrático, é substituída por um uníssono moralizante, no qual o jornalista atua como porta-voz da “voz do povo”.

Essa lógica discursiva também é favorecida pelo funcionamento das plataformas digitais, que ampliam o alcance da mensagem e promovem a retroalimentação entre audiência e conteúdo. O sucesso de visualizações, curtidas e compartilhamentos transforma o jornal em um polo de legitimação de discursos radicais. Ao mesmo tempo, o algoritmo privilegia conteúdos polarizadores, tornando o formato populista não apenas eficaz, mas vantajoso do ponto de vista da audiência.

A centralidade do programa nesse processo pode ser compreendida à luz do conceito de *metaenquadramento* proposto por Cesarino (2022). *Os Pingos nos Is* não apenas apresentava notícias, mas enquadrava previamente o debate político como uma luta moral entre o bem e o mal, entre “nós” e “eles”, entre a verdade revelada e as mentiras encobertas. Essa estrutura binária, reiterada diariamente, constituía um campo fértil para a consolidação de narrativas populistas ancoradas na linguagem midiática e nos dispositivos digitais.

Diante da consolidação de um estilo comunicacional que combina elementos da retórica populista com estratégias digitais de difusão e engajamento, a análise do discurso veiculado por programas como *Os Pingos nos Is* torna-se central para compreender a forma como o populismo se manifesta contemporaneamente. Como observa Cesarino (2022), trata-se de um fenômeno que não apenas opera nos conteúdos veiculados, mas no modo como a mensagem é construída e distribuída, articulando performance, afeto e repetição.

A relevância do programa para este estudo reside no fato de que ele se estrutura como uma espécie de “plataforma discursiva” para a nova direita brasileira, funcionando como mediador entre elites midiáticas e públicos engajados digitalmente. Segundo Mazzoleni (2023), o populismo de mídia se manifesta especialmente quando os meios de comunicação não apenas relatam, mas constroem discursos de legitimação popular em torno de projetos políticos, fazendo uso de uma linguagem moralizada e antagonista.

Nesse sentido, a análise proposta nesta dissertação não busca apenas descrever os posicionamentos políticos dos jornalistas envolvidos, mas investigar como, em nível discursivo, o programa reproduz uma lógica populista — baseada na construção de inimigos, no apelo à figura abstrata do “povo”, na simplificação dos problemas nacionais e na desqualificação sistemática de opositores. A essa lógica está associada a performance midiática de seus apresentadores, que, em consonância com o ambiente digital, atuam mais como influencers de opinião do que como analistas jornalísticos tradicionais.

É nesse cenário de intensa polarização, performatividade discursiva e ecossistema digital amplificado que se insere o objeto empírico desta pesquisa. A partir do corpus formado por edições selecionadas do jornal *Os Pingos nos Is* dos anos eleitorais de 2018 e 2022, busca-se

evidenciar os traços retóricos que permitem compreender esse estilo de comunicação como manifestação do populismo digital de direita. A etapa seguinte apresenta, portanto, o delineamento da análise, suas categorias interpretativas e os procedimentos metodológicos adotados para mapear a presença de elementos discursivos típicos do estilo populista na mídia.

2.2 O papel de intelectuais e a arquitetura discursiva da nova direita

A ascensão da nova direita no Brasil, particularmente no período que antecede e sucede as eleições presidenciais de 2018 e 2022, não pode ser compreendida sem considerar o papel estratégico exercido por determinados intelectuais públicos e suas articulações discursivas. Nesse contexto, o discurso populista digital adquiriu forma por meio de uma arquitetura retórica baseada na simplificação dos antagonismos, na performance moralizante e no apelo a uma identidade nacional ameaçada. A convergência entre intelectuais orgânicos da nova direita, como Olavo de Carvalho, e veículos de mídia como o programa “Os Pingos nos Is”, torna visível uma gramática comunicacional que não apenas sustenta, mas estrutura a narrativa política desse campo ideológico.

De acordo com Laclau (2005), o populismo não deve ser entendido como uma ideologia ou uma estratégia, mas como uma lógica política de construção da identidade do povo a partir da constituição de uma fronteira antagônica. Nesse modelo discursivo, o “outro” passa a ser o elemento fundamental para a coesão da identidade popular, e o discurso se organiza em torno da mobilização de significantes vazios capazes de articular demandas sociais dispersas. No caso brasileiro, a figura do “inimigo petista”, do “globalista” ou da “grande imprensa” serviu como elemento de condensação simbólica das frustrações políticas e sociais, funcionando como base da construção discursiva da nova direita.

Jorge Wink (2022), ao analisar o conservadorismo no Brasil contemporâneo, destaca que esse campo se caracteriza menos por uma doutrina homogênea e mais por um estilo discursivo que articula ressentimento, defesa de valores tradicionais e combate àquilo que é representado como ameaça à ordem moral. Nesse sentido, os intelectuais da nova direita desempenham a função de organizar e dar forma discursiva a esses afetos difusos. Wink observa que “a força do conservadorismo brasileiro contemporâneo está em sua capacidade de mobilizar símbolos e afetos por meio de uma linguagem moralista e antipluralista” (Wink, 2022, p. 17), o que ressoa diretamente com a estética performática de programas jornalísticos de viés conservador.

A construção discursiva da nova direita brasileira foi fortemente influenciada pela atuação de Olavo de Carvalho, cuja obra e intervenções públicas configuraram uma narrativa de guerra cultural. Para ele, o Brasil seria vítima de um processo de corrosão civilizacional promovido por intelectuais de esquerda, por organismos internacionais e por agentes infiltrados nos sistemas educacional, político e midiático. Essa perspectiva, amplamente difundida por seus discípulos e seguidores, reorganizou o campo da disputa simbólica, convertendo qualquer crítica à nova direita em indício de uma conspiração maior. Segundo Wink (2022), “Olavo não apenas formulou uma doutrina, mas fundou uma gramática, um modo de dizer e de ver o mundo que estrutura o imaginário conservador digital”.

É dentro dessa gramática que os comunicadores de “Os Pingos nos Is” operam. O programa, transmitido pela Jovem Pan e amplamente difundido via YouTube, estrutura-se sobre uma retórica de denúncia, ironia e ataque. Seu formato combina informalidade, dramatização e uso sistemático de adjetivações morais (como “corrupto”, “canalha”, “comunista”) que moldam o conteúdo jornalístico a uma lógica populista. Ao invés de relatar fatos com neutralidade, os apresentadores posicionam-se como porta-vozes de um povo indignado, adotando um tom combativo contra as elites políticas, midiáticas e culturais. A adesão a essa retórica não apenas reforça a identidade do público conservador, mas participa da constituição de uma comunidade de sentido fundada no antagonismo e na suspeita.

De modo complementar, Chantal Mouffe (2018) argumenta que o populismo constitui uma forma legítima de contestação democrática quando oferece uma alternativa ao que denomina de “consenso ao centro” das democracias liberais. Para Mouffe, o populismo de esquerda poderia ser uma resposta progressista às crises da representação política, mas a ausência dessa alternativa permite o crescimento da versão reativa e excludente do populismo de direita. Nesse vácuo, a nova direita brasileira ocupou o espaço simbólico de oposição total ao sistema, reivindicando para si a representação do povo real contra os inimigos internos e externos. Mouffe observa que “o populismo de direita oferece aos excluídos um canal para expressar sua frustração, mas redireciona essa frustração para os alvos errados: os imigrantes, os muçulmanos, os intelectuais” (Mouffe, 2018, p. 27). No caso brasileiro, esse redirecionamento volta-se contra professores, artistas, jornalistas progressistas, petistas e movimentos sociais.

Letícia Cesarino (2022) complementa esse diagnóstico ao indicar que a performance comunicacional da nova direita se ancora numa linguagem digitalmente eficaz. Ao contrário do discurso técnico e racionalista das elites tradicionais, o populismo digital opera com afetos e imagens fortes, com códigos que circulam bem nos ambientes de plataformas como YouTube, Twitter (X) e Instagram. A estética da autenticidade, da indignação e da “fala de verdade” é

privilegiada em detrimento de análises complexas. Como afirma a autora, “o populismo digital articula modos de subjetivação próprios da cultura de plataforma, com lógicas de visibilidade e engajamento que favorecem narrativas simplificadas e moralmente polarizadas” (Cesarino, 2022, p. 14).

Esse tipo de comunicação não é um subproduto espontâneo da nova direita, mas uma construção calculada, performática e moldada por intelectuais, comunicadores e influenciadores que entendem os mecanismos da economia da atenção. Por isso, o estilo de comunicação do jornal “Os Pingos nos Is” pode ser compreendido como expressão de uma arquitetura retórica que opera no interior do populismo digital de direita, e que se ancora em uma gramática discursiva previamente elaborada por figuras como Olavo de Carvalho e articulada por intelectuais como Jorge Wink e Letícia Cesarino.

A atuação de Olavo de Carvalho foi decisiva para o enraizamento do pensamento da nova direita brasileira nas plataformas digitais e na linguagem populista de viés conservador. Sua influência ultrapassou os círculos filosóficos e adentrou com força o debate público, tornando-se referência para jornalistas, políticos e influenciadores de direita. Ao produzir uma narrativa de fundo conspiratório, baseada em uma suposta infiltração marxista nas universidades, escolas e na grande mídia, Olavo produziu uma clivagem simbólica clara: de um lado, os defensores da “verdade”; do outro, os agentes do “engano” progressista. Essa lógica, profundamente maniqueísta, operava dentro da matriz discursiva descrita por Laclau (2005), na qual o inimigo exerce uma função central na articulação do povo enquanto categoria política.

Segundo Laclau (2005), o populismo emerge precisamente quando diferentes demandas sociais se articulam por meio de uma lógica equivalencial, tendo um antagonista comum como ponto de coesão simbólica. Assim, ao transformar o Partido dos Trabalhadores (PT), o globalismo, a imprensa tradicional e as universidades em uma cadeia significativa da “ameaça comunista”, a nova direita brasileira consolidou uma forma de populismo que se enraiza na linguagem e no afeto, não necessariamente na coerência doutrinária. “A construção da fronteira política é a condição de possibilidade da emergência do povo como sujeito político” (laclau, 2005, p. 107), e essa fronteira foi operada discursivamente por figuras como Olavo, mas também por comunicadores como os de “Os Pingos nos Is”.

Esses comunicadores incorporaram e amplificaram a estética olavista em seus discursos diários, apresentando-se como vigilantes da moral, denunciadores da corrupção e intérpretes legítimos da vontade do povo. O programa consolidou-se como um espaço de disputa de narrativas políticas, cuja linguagem apelava à simplificação, ao tom acusatório e à rejeição sistemática de mediações institucionais. O populismo, como explica Mouffe (2018), é antes de

tudo uma forma de dar voz a demandas difusas de forma antagonista, resgatando a dimensão política do dissenso, mas no populismo de direita essa lógica frequentemente se converte em um discurso excludente. “O populismo de direita não questiona as estruturas do capitalismo neoliberal, mas apenas desloca os afetos sociais para bodes expiatórios” (Mouffe, 2018, p. 30).

Nessa chave, o discurso da nova direita no Brasil, alimentado por intelectuais e replicado nos meios digitais, transformou o ressentimento social em ativo político. Jorge Wink (2022) observa que a força da nova direita reside justamente em sua capacidade de traduzir angústias existenciais em categorias políticas maniqueístas. “A nova direita não oferece um programa político estruturado, mas uma retórica de indignação moral contínua, que define o mundo em termos de ameaça e pureza” (Wink, 2022, p. 21). Essa retórica é reforçada pela performance de autenticidade dos apresentadores de “Os Pingos nos Is”, que não apenas informam, mas dramatizam os fatos em tom emocional e exasperado, o que reverbera de forma eficaz no ecossistema digital.

Letícia Cesarino (2022), ao estudar o fenômeno do populismo digital, enfatiza que a eficácia desse estilo comunicacional reside na sua adaptação às lógicas algorítmicas das plataformas. O uso intensivo de marcadores emocionais, a repetição de chavões como “comunismo”, “corrupção”, “ditadura gayzista” ou “ideologia de gênero”, e a criação de vilões instantâneos funcionam como gatilhos de engajamento. Esses dispositivos, segundo Cesarino, “produzem um tipo de visibilidade que é recompensada pelas plataformas, ao mesmo tempo em que moldam a subjetividade política dos usuários” (Cesarino, 2022, p. 19). Nesse sentido, a performance dos jornalistas do programa analisado se insere em um circuito técnico-retórico, onde estilo, forma e intensidade superam a veracidade ou profundidade da análise.

Essa arquitetura discursiva – composta por intelectuais como Olavo, articuladores acadêmicos como Wink, comunicadores midiáticos e a engrenagem algorítmica – constitui um campo populista digital de direita, no qual os significantes centrais são constantemente atualizados. O “comunismo” do século XXI, no discurso da nova direita, não é mais o soviético, mas assume formas culturais, como o feminismo, o antirracismo, a arte crítica ou os direitos sexuais. Esse deslocamento semântico é parte da lógica do populismo, que segundo Laclau (2005), opera através da indeterminação dos significantes. A eficácia do discurso, portanto, reside em sua capacidade de absorver e resignificar afetos, não em sua consistência conceitual.

A consolidação de uma estética populista digital de direita no Brasil, como expressa em “Os Pingos nos Is”, não teria sido possível sem a mediação de intelectuais que forneceram os quadros interpretativos para essa operação discursiva. A articulação entre teoria, ressentimento

e performance comunicacional constitui, assim, o núcleo do que se pode chamar de arquitetura retórica da nova direita brasileira.

No caso brasileiro, o ressentimento antipetista e antiesquerdista se tornou o principal catalisador da articulação discursiva da nova direita. A demonização do Partido dos Trabalhadores não se deu apenas por razões econômicas ou jurídicas, mas por meio de uma construção retórica contínua que transformou o PT em um significante vazio carregado de múltiplas insatisfações. Essa lógica se sustenta naquilo que Laclau (2005) chama de “cadeia de equivalências”: distintas demandas sociais e culturais – contra corrupção, insegurança, degradação moral, desvalorização da religião, etc. – foram aglutinadas sob a oposição ao “petismo”.

Olavo de Carvalho foi peça-chave nesse processo ao oferecer um vocabulário moralizador e conspiratório, que teve forte eco entre os jornalistas de viés conservador. Os apresentadores de “Os Pingos nos Is” frequentemente evocavam uma narrativa de “destruição dos valores da família”, “ditadura ideológica nas universidades” e “ameaças à liberdade de expressão”, reforçando a retórica de pânico moral que é típica do populismo de direita. Para Wink (2022), “a nova direita brasileira está mais preocupada em forjar identidades do que apresentar programas; sua força está na criação de um inimigo difuso e de um povo moralmente legítimo” (Wink, 2022, p. 32).

Esse discurso se desenvolve a partir de operações discursivas estruturadas, como o uso reiterado de antagonismos morais e a repetição de signos vazios. Laclau (2005) nos lembra que “a função do significante vazio é tornar possível a articulação de demandas diversas por meio de um discurso hegemônico” (Laclau, 2005, p. 112). No caso analisado, termos como “comunismo”, “globalismo” ou mesmo “ideologia de gênero” operam como tais significantes, servindo de núcleo para diferentes ressentimentos, que são então agrupados sob uma narrativa única de combate ao “inimigo interno”.

O papel dos intelectuais de direita foi, portanto, o de oferecer um enquadramento simbólico e político que desse coesão a esse conjunto heterogêneo de ressentimentos. Esses intelectuais não se limitaram à produção de livros ou artigos acadêmicos, mas atuaram diretamente nas redes sociais, vídeos, podcasts e colunas de jornais, promovendo uma “intelectualidade de combate”. Conforme Cesarino (2022), “os intelectuais da nova direita não se posicionam como intérpretes neutros da realidade, mas como militantes morais contra um sistema visto como corrompido” (Cesarino, 2022, p. 24).

É nesse ponto que o jornalismo opinativo de “Os Pingos nos Is” encontra sua função: ele transforma a retórica dos intelectuais em conteúdo midiático acessível e performativo. A

linguagem é direta, agressiva e emocionalmente carregada. As críticas à esquerda são feitas por meio de metáforas de guerra, traição ou doença. O uso da ironia, do deboche e do humor corrosivo é recorrente, servindo para deslegitimar o adversário ao mesmo tempo em que fideliza a audiência. Esse estilo comunicacional se alinha ao que Mouffe (2018) descreve como “lógica do antagonismo”, essencial para a construção de identidades políticas.

Nesse sentido, o discurso da nova direita midiática não é apenas informativo, mas formador de subjetividades políticas. Ele cria uma audiência que se percebe como “resistente”, “desperta” e “moralmente superior”, o que aprofunda a polarização. Essa subjetividade se alimenta de uma estética de denúncia constante, de uma suposta coragem em dizer o que “a grande mídia esconde” e de um apelo contínuo à verdade revelada. Conforme Laclau (2005), “todo discurso populista se fundamenta na promessa de restabelecer uma plenitude perdida, que foi corrompida por um outro ilegítimo” (Laclau, 2005, p. 87). Essa promessa é central nas falas dos apresentadores do programa, que se colocam como representantes da verdade “do povo” e restauradores de uma ordem traída.

O aparato retórico mobilizado por esses agentes envolve não só a performance do discurso, mas também sua estrutura narrativa. Segundo Cesarino (2022), o populismo digital opera por meio de “metaenquadramentos” – estruturas discursivas amplas que organizam e conectam diferentes eventos sob uma mesma lógica interpretativa. Esses metaenquadramentos transformam fatos isolados em provas de um sistema corrupto, manipulador e decadente. No caso de “Os Pingos nos Is”, os apresentadores criam uma narrativa contínua onde qualquer ação do Supremo Tribunal Federal (STF), da imprensa tradicional ou da oposição política é imediatamente interpretada como parte de uma conspiração contra o povo.

Essa arquitetura discursiva não se constrói de maneira improvisada. Ela se alimenta de uma gramática própria, de uma estética combativa e de uma lógica de equivalência política que se articula por meio de nomes, inimigos e afetos compartilhados.

A combinação entre retórica antipetista, presença midiática e a autoridade atribuída aos intelectuais da nova direita não apenas consolidou uma base discursiva coesa, como também operou como catalisador da formação de subjetividades políticas alinhadas a valores conservadores e antielitistas. Jorge Wink (2021), ao analisar a consolidação do conservadorismo brasileiro, observa que há uma “valorização do senso comum como superior à razão técnica e institucional” (Wink, 2021, p. 51), um traço recorrente no estilo retórico de comunicadores como Augusto Nunes, Guilherme Fiuza e outros comentaristas do programa *Os Pingos nos Is*.

A estrutura argumentativa desses jornalistas frequentemente recorre à contradição explícita entre o “povo honesto e trabalhador” e a “elite política corrupta e aparelhada”. Essa dualidade é típica do discurso populista, conforme Laclau (2005), pois se fundamenta na “criação de fronteiras internas que definem quem pertence ao povo e quem é seu inimigo” (Laclau, 2005, p. 93). No caso do jornal, essas fronteiras se expressam na constante atribuição de culpa à esquerda, à imprensa “tradicional” e às instituições do sistema de justiça, vistas como parte de uma engrenagem contra os valores do “brasileiro comum”.

O recurso à denúncia é um dos pilares retóricos desse discurso. Mouffe (2018) aponta que o populismo opera pela “construção de um espaço político agonístico”, onde há o reconhecimento legítimo de adversários, mas também o uso sistemático da emoção para mobilização política. No entanto, no caso da nova direita, observa-se menos o agonismo e mais o antagonismo excludente, ou seja, não apenas a oposição ao adversário, mas sua deslegitimação moral e simbólica. O discurso não reconhece os opositores como legítimos, mas como traidores, corruptos e imorais, como se pode verificar nos trechos selecionados de edições de 2018 do programa.

Um exemplo é a cobertura da condenação de Lula em segunda instância. Em diversos episódios, os comentaristas celebram a prisão como uma “vitória do povo brasileiro contra a impunidade”, ao mesmo tempo em que criticam os “esquerdistas chorões” por supostamente relativizarem o crime com argumentos ideológicos. A construção de Lula como figura abjeta é uma constante, tanto por meio de adjetivação direta quanto por meio de recursos irônicos: “ele sempre foi o dono da verdade, agora vai ter que dividir cela”, afirma Nunes em tom jocoso em uma das transmissões de abril de 2018.

Esse uso da ironia e do escárnio se encaixa naquilo que Cesarino (2022) identifica como um componente performativo do populismo digital. Segundo a autora:

“A performatividade do discurso populista digital não depende apenas do conteúdo das mensagens, mas da forma como são entregues, da emoção que geram e do engajamento que provocam. Nesse contexto, o sarcasmo e a zombaria são formas de criação de pertencimento e diferenciação do ‘nós’ em relação ao ‘eles’” (Cesarino, 2022, p. 27).

O programa, assim, constrói um estilo comunicacional que incorpora essas práticas não apenas como adereços retóricos, mas como estratégias centrais para a consolidação de uma comunidade discursiva. É nesse sentido que o programa deixa de ser um jornal tradicional e se transforma em uma arena de disputas simbólicas. O jornalismo de opinião, nesse modelo, atua

como mediador entre os intelectuais da nova direita (como Olavo de Carvalho, Rodrigo Constantino, Bruno Garschagen) e o público, atualizando semanalmente os quadros do antagonismo: quem são os traidores? Quem são os heróis da semana? Que novas “provas” há do colapso moral do sistema?

Essa estrutura não se limita ao plano argumentativo, mas está diretamente ligada ao modo como os comentaristas se posicionam fisicamente e emocionalmente. A entonação exaltada, os gestos duros, a sobreposição de vozes e a aceleração das falas são elementos que contribuem para transformar o jornal em espetáculo, reforçando o que Laclau (2005) denomina de “dimensão performática da política populista”. Nesse aspecto, não se trata apenas de defender ideias, mas de encarnar afetos, representar indignação e estimular a raiva, elementos centrais para gerar identificação emocional com a audiência.

A própria estrutura do programa favorece essa retórica. Ao intercalar notícias com comentários opinativos, e ao fazer isso sem nenhuma separação formal, o jornal confunde deliberadamente informação e opinião. Essa estratégia contribui para reforçar o viés do conteúdo e insere o espectador diretamente na lógica do “nós contra eles”. Como Wink (2022) ressalta, “a nova direita mobiliza uma gramática afetiva e uma estética de combate, que se expressa tanto na linguagem quanto nos enquadramentos visuais e sonoros” (Wink, 2022, p. 38).

Essa “estética de combate” referida por Wink é também estruturada pelo uso sistemático da simplificação como forma de convencimento. Mouffe (2018) observa que o discurso populista cria cadeias de equivalência simplificadas para mobilizar afetos em torno de significantes vazios, ou seja, termos que adquirem valor político mais pela forma como circulam do que por seu conteúdo objetivo. “Corrupção”, “ideologia de gênero”, “esquerdismo”, “globalismo” e “doutrinação” são exemplos recorrentes no vocabulário do programa *Os Pingos nos Is*, utilizados sem precisão conceitual, mas com forte carga simbólica.

Os jornalistas operam esse repertório sem se basear em dados factuais densos ou análises estruturadas. Em vez disso, entregam diagnósticos rápidos, com frases de efeito e ênfase emocional. A simplificação do discurso torna-se um mecanismo eficaz para formar uma comunidade discursiva que compartilha não apenas opiniões, mas afetos comuns. Como afirma Laclau (2005), “a função do discurso populista não é apresentar soluções racionais aos problemas sociais, mas constituir o povo como sujeito político através de significantes que canalizem a frustração e a indignação” (Laclau, 2005, p. 116).

Nesse contexto, o jornalismo desempenha não apenas uma função informativa ou interpretativa, mas constitutiva da identidade política de sua audiência. Ao adotar um modelo

opinativo centrado em antagonismos, o programa reforça fronteiras simbólicas rígidas e promove o sentimento de pertencimento. Letícia Cesarino (2022) destaca que:

“O populismo digital opera com uma gramática específica, que envolve o uso estratégico dos afetos, a oposição binária moral entre povo e elite, e o uso da mídia social como extensão do campo político. O sucesso desses discursos depende tanto da performance quanto da repetição ritualizada das narrativas” (Cesarino, 2022, p. 34).

A retórica repetitiva observada nas edições de *Os Pingos nos Is* durante as campanhas de 2018 e 2022 segue precisamente essa lógica. Os inimigos permanecem os mesmos – PT, STF, imprensa tradicional, artistas e intelectuais progressistas – e os temas, embora atualizados conforme os acontecimentos, giram em torno dos mesmos eixos: ameaça moral, corrupção estrutural, aparelhamento das instituições e traição à pátria.

A criação dessa narrativa de traição nacional é um dos pontos altos do discurso populista digital de direita. Wink (2022) ressalta que há uma “construção simbólica de uma esquerda traidora e corrupta que precisa ser derrotada não só politicamente, mas moralmente” (Wink, 2022, p. 59). Essa lógica maniqueísta reforça a exclusão do adversário como condição de possibilidade da reconstrução nacional.

O programa ainda desenvolve um estilo de comunicação que se aproxima da oralidade digital. Em lugar da formalidade jornalística tradicional, os apresentadores usam gírias, apelidos, comentários pessoais e até mesmo expressões ofensivas. Essa aproximação com o “modo de falar do povo” ajuda a criar uma ilusão de horizontalidade e espontaneidade, mesmo quando o conteúdo transmitido expressa visões hierárquicas e autoritárias.

Cesarino (2018) identifica essa estratégia como uma simulação de “autenticidade digital”, ou seja, uma performance comunicacional que aproxima a figura pública do cidadão comum por meio da informalidade e da quebra de protocolos institucionais. “O sucesso do populismo digital está em grande parte vinculado à capacidade de os agentes políticos performarem espontaneidade e ‘verdade’ em tempo real, ainda que essa verdade seja construída e roteirizada” (Cesarino, 2018, p. 12).

Esse tipo de performance aparece com força em comentaristas como Guilherme Fiuza, que frequentemente compartilha anedotas pessoais, referências a filmes, metáforas populares e críticas a intelectuais universitários em tom sarcástico, aproximando-se do estilo dos *influencers* digitais. É nesse ponto que se fundem as fronteiras entre jornalismo, entretenimento e ativismo político, reforçando o caráter híbrido do populismo de direita em ambientes digitais.

A arquitetura discursiva da nova direita, portanto, não se restringe à racionalidade argumentativa, mas combina elementos emocionais, performativos e midiáticos. Como argumenta Mouffe (2018), “a política não é apenas racionalidade, mas também mobilização de afetos, construção de lealdades e disputas por significados” (Mouffe, 2018, p. 34). *Os Pingos nos Is* evidencia essa concepção ao tornar o discurso uma ferramenta de disputa narrativa, onde a lógica do “nós contra eles” é continuamente reatualizada por meio de novos acontecimentos e velhos repertórios.

Outro elemento importante da arquitetura discursiva da nova direita é a sua capacidade de adaptação ao ambiente algorítmico. O programa *Os Pingos nos Is* não apenas se beneficia do YouTube como plataforma de difusão, mas adota uma lógica comunicacional compatível com os critérios de visibilidade próprios das redes sociais: repetição de temas polêmicos, dramatização das falas, personalização dos apresentadores e engajamento por meio de comentários ou menções indiretas a influenciadores e personalidades públicas.

Cesarino (2022) explica que a *bolsoesfera* se constitui como uma rede de discursos que se retroalimentam, onde a estrutura do algoritmo contribui para o reforço de uma bolha ideológica. Isso ocorre porque a plataforma privilegia conteúdos com alto engajamento emocional, reforçando uma estética de conflito e urgência. Nas palavras da autora:

“A retórica populista digital se adequa perfeitamente ao ambiente algorítmico, pois ela opera pela amplificação da indignação, da polarização moral e do antagonismo. É esse tipo de conteúdo que circula com mais rapidez e eficácia nas redes” (Cesarino, 2022, p. 28).

Essa retórica performada nos comentários do programa colabora para a construção do que Laclau (2005) chama de *povo* como uma unidade discursiva. A repetição dos temas, a exibição constante dos mesmos “inimigos” e o apelo emocional reiterado formam uma cadeia de equivalência que une sujeitos distintos sob uma mesma identidade política.

Nesse processo, o jornal não apenas reflete uma conjuntura política, mas a constitui ativamente. Ao reiterar, dia após dia, a denúncia contra as elites “corruptas”, o STF “militante”, a esquerda “doutrinadora” e os artistas “degenerados”, o programa cumpre a função discursiva de dar forma simbólica a uma identidade coletiva que se reconhece por oposição a essas figuras.

A arquitetura discursiva da nova direita, conforme operada por esse jornalismo opinativo, depende da combinação entre três elementos principais: (1) a performance retórica baseada em afetos e antagonismos; (2) a estrutura algorítmica das plataformas digitais; e (3) a

atuação de intelectuais públicos, influenciadores e jornalistas que criam pontes simbólicas entre o discurso e o senso comum conservador.

Como sintetiza Wink (2022), “a força do conservadorismo contemporâneo não reside apenas em seu conteúdo, mas na forma como ele se comunica, mobilizando afetos e narrativas com eficácia midiática” (Wink, 2022, p. 92). Essa força comunicativa, ao se articular com uma retórica populista performada nos meios digitais, dá origem a um novo estilo político – marcado não por programas estruturados ou ideologias coesas, mas pela capacidade de gerar ressonância afetiva, produzir inimigos reconhecíveis e criar uma estética da polarização.

Essa estética está presente na linguagem visual dos programas, nas vinhetas que enfatizam urgência e indignação, nos cortes dramáticos de câmera e nas falas carregadas de ironia ou sarcasmo. Tudo isso compõe uma encenação populista que transforma a informação em espetáculo e o debate público em embate moral.

Assim, ao abordar o papel dos intelectuais da nova direita, é necessário considerar que suas contribuições não se limitam à produção teórica, mas se estendem à criação de formatos discursivos eficazes. Eles operam como engenheiros de narrativas, capazes de conectar discursos conservadores a afetos populares, em uma lógica que privilegia o convencimento performático em detrimento da argumentação racional.

Em suma, *Os Pingos nos Is* emerge como um objeto privilegiado para estudar a convergência entre populismo, mídia e retórica digital. Sua linguagem, estrutura, escolhas editoriais e estilo comunicacional revelam uma forma específica de populismo de direita adaptada ao ecossistema digital brasileiro, cujos efeitos ultrapassam o campo midiático e influenciam diretamente as disputas políticas e simbólicas no país.

CAPÍTULO III

A RETÓRICA POPULISTA DIGITAL DA NOVA DIREITA NO JORNAL OS PINGOS NOS IS

“Eu digo claramente que não se trata de um movimento no sentido de Jair Bolsonaro, mas um grande movimento o espírito do tempo contra o PT, contra as ideias petistas né hoje é o maior partido do país é o antipetismo”. Zé Maria Trindade, Os Pingos nos Is.

No capítulo anterior, foram expostos os elementos históricos e discursivos que permitiram a consolidação de um estilo populista de comunicação política no Brasil. A genealogia desse discurso remete à atuação de Olavo de Carvalho, filósofo e jornalista que desempenhou papel central na formação da Nova Direita brasileira. Seu discurso — conservador, essencialista e de forte viés anticomunista — foi amplamente disseminado por meio das plataformas digitais, especialmente redes sociais e sites pessoais, onde ele comercializava seus cursos e publicações. Através dessa inserção digital precoce, Carvalho mobilizou uma audiência crescente, promovendo uma interpretação conspiratória dos eventos históricos e políticos, em clara oposição ao jornalismo tradicional e à universidade pública.

Essa releitura dos acontecimentos brasileiros, construída sob a crítica do “marxismo cultural” e da suposta dominação ideológica da esquerda, encontrou ressonância num público insatisfeito com o *establishment* político, midiático e educacional. Como destacou Laclau (2005), a força do populismo reside na sua capacidade de rearticular demandas sociais dispersas por meio da criação de antagonismos simbólicos entre o povo e seus inimigos. Nesse caso, o Partido dos Trabalhadores (PT) foi erigido como o principal símbolo da degeneração moral, política e econômica do país, tornando-se o “significante vazio” que catalisa múltiplas frustrações e identidades.

A partir da segunda década do século XXI, especialmente após os eventos de 2013 e o desgaste político do governo Dilma Rousseff, esse discurso ganhou força. Segundo Mouffe (2018), esse período de insatisfação generalizada pode ser descrito como um “momento populista”, em que se intensifica a demanda por alternativas fora da lógica liberal hegemônica. É nesse contexto que o antipetismo se consolida não apenas como sentimento difuso, mas como identidade política articulada. O discurso que antes circulava nas margens digitais passou a ocupar o centro das disputas eleitorais e midiáticas.

Como aponta Brito (2023), o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, marcou a transição de uma crítica difusa ao petismo para uma nova configuração discursiva: o surgimento

de uma linguagem populista digital de viés conservador-ultraliberal. Nesse processo, as tecnologias digitais não foram meros meios de transmissão, mas agentes constitutivos da forma e do conteúdo desse novo discurso. A adesão popular foi amplificada por um estilo comunicacional baseado em simplificação, polarização e afetação moral — elementos centrais do populismo contemporâneo.

Nesse cenário, o jornal *Os Pingos nos Is* se destaca como espaço privilegiado de difusão da retórica populista de direita. O programa, transmitido pelo YouTube desde 2016, configura-se como produto do processo de digitalização da política e da mídia. Seu formato opinativo, o estilo performativo dos comentaristas e o apelo direto ao público criaram um ambiente propício à circulação de discursos antissistêmicos. Segundo Cesarino (2022), o populismo digital se alimenta da desintermediação, da estética do conflito e do engajamento afetivo com o público. Trata-se de uma “performance contínua de antagonismos que organiza o campo político em termos morais absolutos” (Cesarino, 2022, p. 37).

Além disso, a consolidação do programa dentro da grade digital da Jovem Pan, com episódios diários transmitidos ao vivo e posteriormente disponibilizados em plataformas de vídeo e redes sociais, permitiu a formação de uma comunidade discursiva contínua. Os comentaristas tornaram-se figuras públicas com forte apelo popular, capazes de moldar percepções políticas com base em uma retórica que mistura informalidade, indignação e senso comum moralizador. Isso reforça o argumento de Wink (2022) sobre a emergência de uma nova direita midiática, cujo poder de influência deriva menos da profundidade analítica e mais da capacidade de “falar a língua do povo” com autoridade moral e estilo provocador.

A presença de um discurso populista no jornal *Os Pingos nos Is* pode ser identificada através de três dimensões interdependentes, conforme categorizado por Hameleers *et al.* (2017): o discurso antielitista, o apelo ao povo e o monoculturalismo. Tais categorias foram originalmente aplicadas ao contexto europeu, mas, como demonstrado por Cesarino (2022), possuem paralelos funcionais no caso brasileiro, especialmente no campo da retórica digital conservadora.

A primeira dimensão, o discurso antielitista (D1), manifesta-se na constante denúncia às instituições tradicionais do poder: Supremo Tribunal Federal, universidades públicas, mídia “progressista” e partidos de esquerda. O programa frequentemente constrói narrativas que identificam esses atores como inimigos do povo. A linguagem empregada por comentaristas como Zé Maria Trindade e Augusto Nunes frequentemente ultrapassa o campo da crítica jornalística e assume uma retórica de combate, sugerindo uma guerra moral e institucional.

Trata-se da formulação discursiva do “inimigo interno” como motor da identidade populista (Laclau, 2005).

O segundo eixo, o apelo ao povo (D2), está presente na maneira como os jornalistas evocam constantemente “o brasileiro comum”, “o cidadão de bem” ou “o trabalhador honesto” como contraponto às elites políticas. Essa estratégia retórica constrói uma identificação simbólica com a audiência e reforça a ideia de representação direta, típica da lógica populista. Mouffe (2018) observa que a chave da articulação populista está na capacidade de constituir um “nós” em oposição a um “eles”, e o programa realiza isso por meio de um discurso que constantemente interpela seu público como vítima das decisões de um sistema corrompido.

O terceiro elemento, o monoculturalismo (D3), embora menos explícito, aparece de forma reiterada nas críticas a pautas identitárias, políticas de diversidade e movimentos sociais. O discurso jornalístico do programa tende a associar essas pautas a uma degradação da cultura nacional e da ordem moral. A defesa de uma cultura homogênea, ancorada em valores cristãos, família tradicional e meritocracia, assume um papel de resistência contra aquilo que é identificado como “doutrinação ideológica”. Como alerta Cesarino (2022), a estética do conservadorismo digital não se limita à crítica política, mas propõe uma nova narrativa de mundo baseada na pureza cultural, na fé religiosa e na autoridade tradicional.

Essas três dimensões discursivas não atuam de forma isolada. Ao contrário, elas compõem um arcabouço retórico articulado, performado diariamente pelos apresentadores do programa. Essa performance mobiliza não apenas elementos discursivos, mas estratégias retóricas herdadas da tradição aristotélica: *ethos* (a credibilidade dos apresentadores enquanto “cidadãos conscientes”), *pathos* (a mobilização emocional dos ouvintes por meio da indignação moral) e *logos* (a aparente racionalidade e lógica dos argumentos). Como destaca Schouppéuer (2020), o populismo moderno se vale de uma retórica que busca parecer razoável, mesmo quando recorre à simplificação e à manipulação emocional.

Além disso, é preciso considerar a influência das estratégias discursivas de Olavo de Carvalho sobre a construção narrativa do programa. O estilo confrontacional, a recusa do politicamente correto, o tom conspiratório e o ataque constante à mídia tradicional são traços compartilhados entre o ideólogo e os jornalistas do *Os Pingos nos Is*. Isso evidencia o que Wink (2022) caracteriza como uma “transposição do discurso olavista ao campo midiático”, transformando o jornalismo opinativo em instrumento de doutrinação política.

Por fim, o impacto desse tipo de retórica populista digital vai além da formação de opinião. Ele contribui ativamente para a reconfiguração do espaço público brasileiro, criando zonas de sentido alternativas ao discurso institucional. Trata-se de um processo de

metaenquadramento, como propõe Cesarino (2021), no qual se erguem narrativas autônomas que disputam não apenas os fatos, mas também as formas legítimas de narrá-los. O jornal *Os Pingos nos Is*, nesse sentido, opera como dispositivo mediador entre o campo político e o campo sensível, articulando linguagem, emoção e identidade em uma gramática populista que reconfigura o modo de fazer política na era digital.

METODOLOGIA

Para compreender a configuração discursiva do populismo digital de direita no Brasil, este estudo adota uma abordagem metodológica qualitativa, combinando o Estudo de Caso com a Análise de Narrativa. Essa combinação se mostra pertinente à proposta investigativa, pois permite examinar tanto o contexto comunicacional específico quanto os elementos simbólicos e retóricos que estruturam os enunciados midiáticos do programa *Os Pingos nos Is*. Inspirada em Laclau (2013), a noção de populismo aqui mobilizada não se refere a um conteúdo ideológico fixo, mas à construção discursiva de antagonismos que estruturam o campo político entre dois polos: “o povo” e “a elite”.

A escolha do programa *Os Pingos nos Is*, transmitido pela Jovem Pan, decorre de sua proeminência como veículo de expressão da retórica da nova direita brasileira, especialmente nos períodos eleitorais. A temporalidade escolhida – os meses de setembro e outubro dos anos de 2018 e 2022 – corresponde às fases de maior mobilização discursiva durante as disputas presidenciais, caracterizadas pela intensificação de estratégias de polarização política e construção de inimigos simbólicos. Nesse sentido, o estudo de caso se configura como um instrumento metodológico apropriado para analisar em profundidade esse contexto particular (Yin apud Césarino, 2019b).

O corpus empírico foi composto por 52 programas da série “Especial Eleições”, sendo 34 edições entre 01/09/2018 e 22/10/2018, e 18 entre 01/09/2022 e 22/10/2022. Esses episódios foram selecionados por sua centralidade nos debates eleitorais e por concentrarem, de forma recorrente, performances retóricas associadas ao estilo comunicacional populista digital, conforme definido por Cesarino (2022). Alguns desses vídeos encontram-se ainda disponíveis no canal oficial do programa no YouTube, enquanto outros puderam ser acessados apenas no site da Jovem Pan. Parte do conteúdo, no entanto, foi removido por restrições jurídicas à emissora, o que não comprometeu a análise, dada a repetição e previsibilidade dos posicionamentos discursivos observados entre os comentaristas.

A transcrição manual de trechos selecionados obedeceu a critérios de relevância retórica, ou seja, priorizou-se falas que incorporassem elementos estruturantes do populismo digital: antagonismo binário, apelo à verdade moral, denúncia das elites corruptas, construção da figura do “povo traído” e utilização de afetos como medo, indignação ou revolta (Mouffe, 2020; Laclau, 2013; Cesarino, 2022). A análise desses trechos, como será demonstrado, revelou

padrões de repetição discursiva e segmentação política que caracterizam a performance populista em ambientes digitais.

Além da abordagem interpretativa dos trechos transcritos, recorreu-se à ferramenta Iramuteq para uma visualização complementar do corpus textual. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e a Nuvem de Palavras foram empregadas como recursos auxiliares, com o objetivo de identificar recorrências lexicais e estruturar visualmente os termos mais mobilizados. Essas técnicas, embora quantitativas, foram utilizadas de modo exploratório, não substituindo a análise interpretativa, mas ilustrando os eixos discursivos recorrentes identificados ao longo do material (Engesser *et al.*, 2017).

A estratégia de análise qualitativa utilizada neste estudo seguiu um processo interpretativo alinhado à construção de narrativa que nesse contexto foi construída para criar uma “história”, ou seja, dar significado ao contexto político nacional

"A narrativa é o modo pelo qual a experiência humana é estruturada e tornada inteligível. Nós não apenas 'contamos' nossas vidas; nós 'vivemos' em e através de narrativas. A função da narrativa não é meramente descrever eventos, mas **dar-lhes forma e significado**, permitindo-nos compreender o que é 'canônico' e o que rompe essa canonicidade." (BRUNER, 1990, p23).

Tal abordagem busca compreender como os comentaristas do *Os Pingos nos Is* articulam um repertório discursivo populista, especialmente ao definir os termos do conflito político no Brasil, atribuindo sentido a eventos e personagens públicos, e organizando antagonismos morais que estruturam sua visão de mundo (Cesarino, 2022; Wink, 2023).

A escolha dos trechos se deu de forma intencional, a partir da identificação de elementos recorrentes no estilo comunicacional dos jornalistas, especialmente no que se refere à construção do antagonismo entre “nós” e “eles”, à moralização dos conflitos políticos, à repetição estratégica de temas e à interdição simbólica do adversário (Laclau, 2013; Mouffe, 2020). A análise não se guiou por critérios cronológicos fixos, mas sim pela densidade retórica das falas, independentemente do tema discutido, reforçando a hipótese de que o populismo digital não depende da especificidade do conteúdo, mas da forma de sua enunciação.

O caráter performático da retórica populista, como observa Laclau (2013), implica não apenas uma forma de comunicação, mas um modo de constituir o político. No contexto digital, essa performance se intensifica por meio de repetições constantes, reforço afetivo e simplificação dos antagonismos. Conforme destaca Cesarino (2022, p. 87), o populismo digital

“atua por meio da viralização de enredos simplificados, afetivamente marcados e facilmente replicáveis”.

Nesse sentido, a metodologia interpretativa permitiu identificar nos comentários selecionados padrões argumentativos próprios de uma retórica populista de direita, apoiada tanto na desqualificação dos inimigos políticos quanto na exaltação de valores morais associados à “verdade”, à “justiça” e ao “povo honesto”. A seguir, um dos trechos transcritos na íntegra exemplifica esse padrão de discurso:

"(...) eles chegam lá e inchando a máquina pública, aumentam o tamanho do Estado e gera toda essa crise. O que aconteceu com Lula, e as pessoas menos informadas... mais humildes têm dificuldade de entender, é que houve uma coincidência do período de bonança com o período do mandato do Lula. Houve uma reforma monetária no Brasil. O plano real contra o qual o Lula lutou depois ele usufruiu as consequências, ele percebeu que estava dando certo. Aí chamou o Henrique Meirelles... manteve ali mais o menos a mesma é filosofia da equipe econômica. E houve o período de alto preço das commodities no mercado internacional. Então, o Brasil viveu um período de “bonança” que o Lula deu a sorte de estar no poder durante esse período. Só que ele em vez de cuidar que o país fizesse as reformas estruturais necessárias para se preparar para eventuais cenários de crises NÃO... ele aumentou imensamente os gastos públicos que foram aumentando cada vez mais. E aí o Estado foi se tornando insustentável principalmente se viesse um cenário de crise.. que veio. E aí os preços das commodities caíram no mercado internacional não tinha mais dinheiro para pagar todas as contas por culpa do Lula!! Só que o que aconteceu? esta crise só ficou mais escancarada, só estourou quando a Dilma já tinha assumido. Só que é consequência dos atos do Lula! Então ele se beneficiou no seu governo dos atos de governos anteriores e depois ele não sofreu as consequências durante o governo dele, dos atos nocivos ao país feitos por ele. A Dilma ficou com essa conta... na cabeça do povo que ainda acredita no Lula. Então é preciso contar a história verdadeira sobre o país. E aí vem mais esses marqueteiros petistas... porque o pt tem marqueteiro político e tem marqueteiro econômico. Eles não têm economistas. Eles têm marqueteiro econômico! Então o sujeito vai lá e conta essa mesma historinha pra fingir que não vai ter choque e tal...mas a filosofia que o Pt não consegue contrariar é a sua a própria natureza... vai chegar no Estado vai aumentar o tamanho do Estado, vai aumentar os gastos públicos como sempre fez e vai dar tudo errado mais uma vez... se isso acontecer" (Brasil, 2018, 17/09/2018).

Esse comentário revela com nitidez o recurso à construção de antagonismos, à generalização do adversário político (“eles”), à afirmação de uma verdade moral (“a história verdadeira”) e à repetição de temas que sustentam a lógica populista da nova direita: o PT como inimigo essencial do povo, responsável por todos os males do Estado. Além disso, o trecho se ancora no uso de categorias emocionais, como a indignação, e na simplificação causal, ao responsabilizar exclusivamente o ex-presidente Lula pelas crises econômicas subsequentes – o

que exemplifica, segundo Cesarino (2022), o funcionamento eficaz do populismo digital na produção de narrativas polarizadas e emocionalmente ressonantes.

A caracterização do estilo comunicacional analisado é reforçada por outra fala, marcada por elementos retóricos de desqualificação do adversário e afirmações absolutas. O comentário a seguir exemplifica o uso de termos depreciativos, comuns ao repertório comunicativo da nova direita e fortemente influenciados pelo estilo olavista, conforme discutido por Rocha (2021):

“eu não daria margens pra ninguém preso é claro que o funcionário já mostrou ao longo da campanha que o que ele pensa do Lula mas já não daria margem dobrou a margem para que trabalhar sim os os redatores de manchetes já também já dia a dia ou indicar o seguinte há nada tudo para receber ele não tinha tudo para ser um grande presidente é nada é um ignorante um analfabeto funcional e um sujeito ligado ao que havia de pior da política brasileira só podia acabar na cadeia como hbo eu não lamento a prisão do lula mesmo nem eu né” (Nunes, 2018, 05/09/2018).

Esse tipo de comentário exemplifica o que Cesarino (2022) denomina como “afetividade moralizada”, característica do populismo digital, em que a linguagem explícita e os insultos não apenas desqualificam o adversário político, mas reforçam a coesão simbólica do grupo ao qual o enunciador se dirige. A retórica de desprezo e escárnio cumpre, nesse sentido, função performativa central para o estilo populista.

Em outra passagem, observa-se uma fusão entre ataques ao ethos do oponente e uso emocional do *páthos* aristotélico, reforçando o vínculo entre estilo comunicacional e produção de afetos – um ponto ressaltado por Mouffe (2020), ao destacar o papel das emoções como força aglutinadora dos discursos populistas:

“(...) ontem o Zé Maria estava registrando a verdade que a gente vive repetindo aqui quem quiser conhecer o Lula é bom partir dessa premissa... que é uma verdade... o Lula só pensa nele sempre foi assim!! ele agiu assim quando começou a vida de sindicalista, ele deixou pela estrada aí todos os padrinhos dele no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo. E depois no Pt foi deixando todo mundo pelo caminho... é um cara que é capaz de usar a “mulher morta” não nos esqueçamos para escapar de problemas com a justiça. Ele não respeita nem cadáver muito menos viuvez então não vai ligar para o partido...” (Nunes, 2018, 05/09/2018).

Esse comentário transita entre registros íntimos e políticos, explorando o impacto emocional da denúncia (“usar a mulher morta”), o que amplia a dimensão performática da retórica. Trata-se de uma narrativa que dramatiza a “falta de caráter” do inimigo, explorando a figura de Lula como alguém que trai aliados e instrumentaliza até a morte para escapar da

justiça. Essa construção narrativa está em consonância com o estilo comunicacional do populismo digital, no qual a indignação moral é um dos principais dispositivos de mobilização coletiva (Cesarino, 2019b; Wink, 2023).

A polarização discursiva se intensifica no modo como o “nós” e o “eles” são performativamente construídos. A repetição do “nós já sabemos”, presente em trechos como esse, reforça a constituição de uma comunidade epistêmica alinhada ao senso comum da direita, enquanto o “eles” aparece como um bloco homogêneo de inimigos que enganam, corrompem e oprimem. O uso do plural impessoal consolida o antagonismo e ajuda a sustentar o que Laclau (2013) define como lógica da equivalência: todas as diferenças internas ao campo inimigo são ignoradas em favor de uma cadeia de equivalências negativa que identifica o PT, Lula, a esquerda, os corruptos e os traidores como um único corpo simbólico.

Essa lógica é reiterada quando o programa constrói o PT como símbolo da corrupção sistêmica e da fraude democrática, como no trecho abaixo:

“Em última análise, fraude à democracia por meio de corrupção. Porque o que é o mensalão? Compra de parlamentares com dinheiro sujo de um esquema de corrupção, compra de parlamentares é pra você avançar a agenda do governo. Então você tá ali deteriorando uma das instituições, um dos poderes é pra avançar a sua agenda. Isso é uma maneira, na minha visão, de fraudar a democracia que eles fingem defender. Então eles não reconhecem nada. É de criminoso que fizeram, não reconhecem nem sequer de errado, nem sequer de besteira para usar uma palavra. É do cid Gomes, que pegou até leve naquele discurso e insultam quem quer que não os escolha, quer dizer, é, o sujeito é fascista se apoiar se é for eleitor do Bolsonaro. E é exatamente isso que o Mano Brown está dizendo. Não posso acreditar que as pessoas do meu convívio social de repente se transformaram em monstros. Então uma cara de pau tremenda, que antes de ser um problema de comunica” (Brasil, 2018, 05/09/2018).

Nesse trecho, a acusação de fraude à democracia opera como reforço do antagonismo moral: “eles” são antidemocráticos, mentirosos, criminosos e intolerantes com qualquer oposição. O recurso à expressão “eles fingem defender” a democracia configura uma inversão moral típica do discurso populista, que Cesarino (2022) identifica como central na construção de enredos em que o povo aparece como vítima da elite corrupta e mentirosa.

Esse discurso é reiterado no programa por meio da construção de uma lógica de denúncia contínua, na qual os comentaristas não apenas apontam crimes e desvios da esquerda, mas projetam seus efeitos danosos sobre o futuro do país. A denúncia da corrupção como fraude democrática amplia a gravidade da acusação e justifica a rejeição moral do inimigo político. Como Laclau (2013) argumenta, o populismo se constitui a partir da identificação de demandas

não satisfeitas, articuladas por meio de significantes vazios que ganham sentido dentro da narrativa de antagonismo. Nesse caso, o “respeito à democracia” se converte em um significante vazio mobilizado contra aqueles que supostamente a corrompem.

Esse padrão discursivo se articula também à projeção de riscos futuros, à ideia de que um retorno do PT significaria a repetição dos mesmos crimes, ou pior, a radicalização de um projeto autoritário. Essa inferência é central para a lógica do populismo digital, pois legitima a antecipação da ameaça e a mobilização política permanente. É o que se observa no seguinte trecho:

“todo o Brasil em que viveu o socialismo e internacionalista quer dizer o dinheiro dos bancos públicos brasileiros, dinheiro dos pagadores de impostos indo financiar ditaduras socialistas é aliada dos petistas quer dizer ditadura em outros países o “nosso dinheiro” indo pra lá e eles agora dando calote. Eles não pagam de volta. Então é isso que o governo do PT fez no poder. E depois quer a pousar de pacificador é brincadeira... eles falam em nome dos pobres, mas essas ditaduras são aquelas que oprimia os pobres, porque os venezuelanos pobres são esses que estão- migrando para o norte de Roraima no Brasil em razão da fome, em razão daquilo que muita gente chama de crise econômica. Não estão migrando...fugindo de uma ditadura onde existe uma violência exacerbada e onde não tem comida para a população” (Brasil, 2018, 18/09/2018).

A associação entre o PT e regimes autoritários estrangeiros é um dos principais eixos do discurso da nova direita no Brasil. Como aponta Wink (2023), esse tipo de narrativa vincula o adversário político a uma ameaça civilizacional mais ampla, ativando o medo e a indignação como afetos mobilizadores. Além disso, a repetição do pronome “nosso” (“nosso dinheiro”) reforça o apelo ao povo e opera uma dramatização do prejuízo coletivo. Trata-se de uma estratégia típica do estilo populista, que atribui à elite (no caso, os petistas e seus aliados internacionais) a responsabilidade pela miséria do povo (Cesarino, 2022).

Essa fala ainda cumpre outra função retórica: construir o PT como parte de uma articulação internacional perversa, o que intensifica o antagonismo ao deslocá-lo para o plano global. Nessa lógica, não se trata apenas de adversários internos, mas de um projeto de dominação transnacional que ameaça a soberania nacional e os valores tradicionais – tema recorrente na comunicação populista digital (Rocha, 2021; Hameleers *et al.*, 2017).

Ao longo dos episódios analisados, esse tipo de construção retórica foi recorrente, sempre envolvendo a contraposição entre uma elite corrupta, traidora, mentirosa, e um povo honesto, enganado e ameaçado. A performance discursiva dos comentaristas opera com um vocabulário moralizante, no qual a política é traduzida em termos de bem e mal, verdade e

mentira, justiça e impunidade – uma estratégia que, como destaca Mouffe (2020), é típica dos projetos populistas de direita.

Ao ampliar o antagonismo simbólico, os comentaristas não apenas identificam os inimigos do povo, mas também os cercam de atributos moralmente condenáveis, como a traição, a mentira e o desvio de conduta. Esse processo de essencialização do outro é constitutivo do estilo retórico do populismo digital, em que a moral substitui o argumento e o ataque à imagem pública do adversário torna-se central. Como evidencia o trecho a seguir:

“Vamos ver as coisas como são... é coisa de malandro e malandro o que tem feito os ministros do supremo que insistem nessas jogadas e pra acabar com o início do cumprimento da pena depois de a condenação em segunda instância. O que eles estão fazendo deve ser definido por uma palavra é malandragem!! é bandidagem!! é crime!! eles não podem agir assim. Agora os deputados entrando nessa também quer dizer... eles, o PT, o programa de projeto de governo do Pt do Fernando Haddad é soltar o Lula da cadeia! essa é a obra que ele quer consumir. É pra isso que ele está em campanha, é isso que o Brasil tem de evitar!! Agora tem de ficar de olho é o Carlos Fernando lima tá certíssimo tem de ficar de olho nessa turma porque eles têm medo sim!! eles fazem isso calada da noite... pelas costas do povo! o Brasil tem que ficar atento... nós devemos ficar atentos!! porque eles estão querendo não só a corroborar com essa movimentação pela libertação do Lula, como eles querem se livrar da cadeia!! se você não permite o início do cumprimento da pena depois de a condenação em segunda instância pode fechar a primeira instância. Não serve pra nada. Então tem que ser cumprido o que foi decidido pelo supremo e tudo o mais é coisa de malandro!! infelizmente malandro é o que não falta no poder legislativo e no judiciário” (Nunes, 2018, 27/09/2018).

Essa fala contém uma série de elementos típicos da retórica populista. Em primeiro lugar, a criminalização da elite política e judiciária, tratada como “malandra” e “bandida”. Em segundo, a reiteração da tese conspiratória de que o objetivo oculto do PT seria libertar Lula, colocando em risco o funcionamento das instituições. Por fim, a convocação direta do povo à vigilância (“nós devemos ficar atentos”), que fortalece o apelo à ação coletiva contra os “inimigos de classe” (Laclau, 2013; Cesarino, 2022).

Essa convocação emocional ao engajamento simbólico constitui o que Mouffe (2020) chama de “momento agonístico” da política: o momento em que a disputa pelo sentido do mundo assume contornos existenciais, e o campo político é reduzido a um embate entre projetos irreconciliáveis. No caso da nova direita brasileira, esse embate é dramatizado pela associação da esquerda a ideais autoritários e intenções inconfessáveis, como revela o trecho seguinte:

“Também fomos atrás aqui na nossa pauta 12 das teses autoritárias do PT. Parte delas está listado no próprio site do partido no documento intitulado “Partido dos Trabalhadores Caderno de Teses” Falei muito disso na época... 5º

Congresso Nacional um partido para tempos de guerra. A imagem está na tela para quem está assistindo pelo youtube bem como o endereço do link. Então, na página 160 por exemplo o PT fala em estatizar Rede Globo “estatizar Rede Globo que a concessão pública e abri-la para os movimentos sociais é público e notório que a Globo se construiu sob o manto da ditadura e com dinheiro público sonega... aí começa a falar barbaridades da Globo não vou nem repetir né... na página 35 no item D fala em construir meios de comunicação em massa para difundir a ideologia comunista “construir uma política de comunicação de massas articulando impressos jornais revistas rádio televisão e redes sociais voltado a defender as posições da classe trabalhadora fortalecer os laços com os movimentos sociais, lutar pela ampliação de direitos amplificar o alcance do programa democrático popular e socialista e na disputa ideológica no plano nacional e internacional dialogar e organizar nossa ampla base social realizar a disputa política e ideológica permanente com nossos adversários e também com nossos inimigos de classe veja só a expressão que eles usam inimigos de classe. Veja só as expressão que eles (...) que vem cheio daqueles eufemismos no meio mas é tudo estratégia de controle na página 30 e tem 157 fala-se na cassação do mandato do Jair Bolsonaro lembrando que o texto data de 2015, “neste Congresso Conservador o combate à corrupção e mesmo a cassação do deputado Jair Bolsonaro só terão chance de êxito se houver intensa pressão social” então ele já pregavam desde 2015 a cassação de Bolsonaro... eles gostariam que fosse um regime como o da Venezuela, Cuba lá que extingue a oposição. Então eles tentam fazer o máximo de pressão por ironia do destino acabaram tendo como maior adversário nessa disputa eleitoral Bolsonaro cujo mandato tentaram, mas não conseguiram cassar. Há outros absurdos lá. (...) há outros itens como a anulação das sentenças do mensalão, o impeachment dos ministros do STJ, que foram a favor da condenação do mensalão, cancelar todas as privatizações do Brasil assim como a Bolívia fez no passado calote da dívida interna e externa declaração de que o Brasil fiador dos países comunistas da América. Então você veja que os documentos do PT mostram a natureza que os petistas tentam esconder às vésperas da eleição, mas às vezes, e que a natureza é maior de que eles... aquela história do do conto do escorpião não consegue fugir é obra” (Brasil, 2018, 02/10/2018).

Esse trecho evidencia a função da repetição no populismo digital: ao reiterar que “a natureza é maior do que eles”, os comentaristas constroem uma essência maligna atribuída ao adversário, tornando-o permanentemente suspeito. Essa lógica essencialista é reiterada na ideia de que “não conseguem fugir à sua própria natureza”, o que neutraliza qualquer tentativa de mudança ou revisão crítica.

Como observa Cesarino (2022), o populismo digital opera por meio de uma política da suspeição permanente, em que toda ação do adversário é interpretada como parte de uma estratégia de dominação. O apelo ao “controle da mídia”, à “cassação da oposição” e à “estatização” serve como evidência da ameaça à democracia, reforçando o sentimento de urgência e convocando o público à resistência simbólica. Isso se articula com o estilo tecnoconservador mapeado por Rosa *et al.* (2024), em que a retórica populista digital é sustentada por estratégias de guerra cultural e dramatização política.

No segundo eixo metodológico do presente estudo, aprofunda-se a análise da construção discursiva do inimigo no interior do estilo comunicacional populista da nova direita, conforme expresso no jornal *Os Pingos nos Is*, durante os períodos eleitorais de 2018 e 2022. Tais construções foram observadas não apenas nos marcos tradicionais de crítica à esquerda política, mas também na ampliação simbólica dos alvos do antagonismo — um processo típico do populismo de direita, conforme indicado por Laclau (2013) e Cesarino (2022). No programa analisado, os inimigos foram identificados não só nos partidos políticos, mas também entre eleitores, instituições, jornalistas, empresários e movimentos sociais, o que permitiu mapear a expansão da retórica populista para além da polarização político-partidária.

Nesse sentido, torna-se importante observar que a construção do inimigo é um dos pilares centrais do populismo, especialmente em sua forma digital. Para Cesarino (2022), o populismo digital se caracteriza por operar com a lógica da "viralização de antagonismos", em que as categorias “nós” e “eles” são continuamente reatualizadas em enredos emocionais e moralizados. No jornal *Os Pingos nos Is*, esse processo discursivo foi explicitado em diversos momentos nos quais o Partido dos Trabalhadores (PT) e seus simpatizantes foram associados a crimes, desvios éticos e ameaças existenciais à nação.

Um exemplo claro dessa construção discursiva aparece na fala de Nunes (2018), na qual se observa a tentativa de rebaixamento moral não apenas do partido, mas de sua base eleitoral:

“De pleno acordo. E é o seguinte... ela não precisaria esperar o discurso do Ciro Gomes pra admitir que o PT precisa, se quiser sobreviver, pedir desculpas pelo que fez. Não é por ter chegado ao segundo turno, mas pelos crimes que cometeu, por ter quebrado a Petrobras, por ter usado Bnds para emprestar dinheiro para ladrões, por ter roubado muito, enfim, por ter se transformado num bando... numa organização criminosa!! deixou de ser um partido político. Pois bem, agora, ela diz que tem 30% dos votos. E está feliz com isso? estão admitindo a derrota. 30% significa um terço está contente com isso aí? [...] eles estão ganhando entre os miseráveis, vencem entre os miseráveis, os fanáticos e os desinformados!! gente que não tem nem... não tem nenhum tipo de educação já que a maioria é de analfabetos e ignorantes politicamente!! graças ao PT então ela está feliz por ter uma votação minoritária que vem dos brasileiros que o PT utiliza para vencer a eleição mantendo-os na pobreza e na ignorância porque só assim consegue o voto” (Nunes, 2018, 16/10/2018).

Esse trecho articula, com clareza, diversos elementos do repertório retórico populista digital de direita: o rebaixamento moral do adversário (chamado de “organização criminosa”), a criminalização da política social (“Bolsa Família como compra de votos”) e a estigmatização do eleitor como “ignorante” e “analfabeto”. A crítica ultrapassa o âmbito institucional e se dirige à própria base popular do adversário, transformando-a em ameaça à democracia e à liberdade –

um movimento discursivo que, segundo Mouffe (2020), tende a comprometer a pluralidade democrática ao reduzir o campo adversário à figura do inimigo absoluto.

A análise dessa construção simbólica permitiu compreender que o antagonismo não se limitava aos partidos políticos, mas abrangia também os eleitores, os “beneficiários” de políticas públicas e mesmo os que ocupavam posições sociais subalternizadas. A lógica binária de “povo honesto” versus “massa manipulada” reforça o que Laclau (2013) chama de “totalização discursiva da equivalência”, mecanismo pelo qual múltiplos atores e instituições são reunidos sob a mesma cadeia negativa.

A figura do inimigo, no jornal *Os Pingos nos Is*, não apenas organiza o discurso político como também estrutura o apelo emocional da mensagem, mobilizando indignação, ressentimento e medo – afetos centrais no populismo digital de direita, segundo Cesarino (2022). Em diversos episódios, a retórica de denúncia é acompanhada por insinuações de ameaça moral, degradação cultural ou desintegração institucional. Esse fenômeno está articulado ao que Zanello, Richwin e Sallorenzo (2022) denominam de “psicopolítica gendrada das emoções”, que define o uso de performances agressivas e masculinidades hegemônicas como ferramentas de autoridade discursiva e controle simbólico no espaço digital.

A recorrência da linguagem hiperbólica e moralista nos programas analisados revela uma estilística de confronto permanente. A retórica se organiza por meio de palavras de ordem, metáforas de guerra e narrativas de salvacionismo, alinhadas à estética do populismo conservador descrita por Wink (2023), que associa o discurso da nova direita à retórica do medo, da proteção e da restauração de uma ordem moral supostamente perdida.

Em uma edição do programa exibida às vésperas das eleições de 2022, Augusto Nunes afirmou:

“Eles não querem democracia. Eles querem impunidade. Querem soltar corruptos, censurar a imprensa livre, perseguir quem pensa diferente. Isso é o que está em jogo. Quem votar no Lula, tem que saber que está votando contra a liberdade. O Brasil vai virar uma Venezuela. É isso. Ponto final” (Nunes, 2022, 06/09/2022).

Essa declaração ilustra a tática de construção de um horizonte de catástrofe, que visa produzir efeitos de urgência moral. Ao associar o adversário político à ameaça totalitária, o discurso se legitima como última barreira da civilização frente à barbárie. Tal dispositivo discursivo, como aponta Tormey (2019), é típico do populismo, que opera na construção de um povo redentor ameaçado por elites corruptas e “traidores internos”.

A escolha metodológica por estudar essas performances retóricas em contexto midiático justifica-se por sua relevância na formação do imaginário político da nova direita. Como demonstrado por Gerbaudo (2018), os veículos digitais de comunicação não apenas transmitem conteúdos, mas participam ativamente da organização emocional e simbólica de coletivos políticos. No caso de *Os Pingos nos Is*, trata-se de um jornal que adota uma estética informal e agressiva, mobilizando elementos do *infotainment* e da retórica viral, típicos da tecnopolítica contemporânea, conforme analisado por Avelino, Silveira e Souza (2018).

A metodologia adotada no presente estudo também privilegiou a análise da construção de heróis no interior da narrativa populista digital de direita, conforme veiculada em *Os Pingos nos Is*. Tal construção não se restringe à exaltação do presidente Jair Bolsonaro, mas inclui a valorização de figuras como Sergio Moro, Deltan Dallagnol, Augusto Aras, Alexandre Garcia, e outros agentes apresentados como representantes da moralidade, do mérito e da "verdade" em oposição à corrupção e ao "sistema".

O recurso metodológico utilizado foi o mapeamento dos enredos narrativos nos quais esses personagens eram mencionados com frequência significativa, especialmente nos contextos de crise política, ações judiciais ou campanhas eleitorais. Segundo Cesarino (2019b), o populismo digital opera como uma "narrativa expandida", em que heróis e vilões são inseridos em enredos morais simples e facilmente compartilháveis, com forte apelo afetivo. A construção desses personagens segue um arco narrativo de sacrifício, perseguição e redenção, como se observa na exaltação de Bolsonaro após o atentado em Juiz de Fora em 2018.

Em 27 de setembro daquele ano, o programa dedicou ampla cobertura ao tema, destacando trechos como:

“A facada não foi apenas um atentado físico. Foi uma tentativa de calar a voz de milhões de brasileiros que querem mudança. Bolsonaro virou símbolo de resistência. O povo está com ele porque ele não tem medo. Ele fala o que pensa. Ele enfrenta o sistema de frente” (*Os Pingos nos Is*, 27/09/2018).

A exaltação do líder político como mártir popular é um recurso discursivo típico do populismo de direita, que, conforme Laclau (2013), depende da figura de um representante capaz de encarnar a cadeia de demandas populares insatisfeitas. Nesse sentido, o “povo” não é uma entidade pré-existente, mas uma construção discursiva articulada em torno de identificações simbólicas. O “Bolsonaro símbolo” é, portanto, uma figura construída pela mídia alinhada ideologicamente como ponto de condensação de significantes como coragem, verdade, patriotismo e resistência.

O uso recorrente de imagens bélicas — como “guerra cultural”, “combate ao sistema”, “inimigos da liberdade” — confere à retórica do programa um caráter mobilizador, conforme argumenta Mouffe (2020) ao destacar a centralidade dos afetos na disputa hegemônica contemporânea. O jornalístico e o militante se fundem em uma linguagem que combina opinião, denúncia e dramatização, compondo o que Block e Negrine (2017) denominam de *populist communication style*.

Outro aspecto central abordado na construção da análise foi a retórica antissistêmica e anti-intelectual, amplamente explorada pelo programa *Os Pingos nos Is*. Esses discursos foram examinados à luz da teoria laclauiana, que compreende o antagonismo como elemento estruturante do populismo. No jornal, a figura do “sistema” aparece de forma fluida: ora como Supremo Tribunal Federal (STF), ora como “mídia militante”, ora como universidades públicas ou partidos de esquerda. Esse movimento de deslocamento constante do significante “sistema” reforça sua eficácia enquanto ponto nodal de uma cadeia discursiva de exclusão, nos termos de Laclau (2013).

As críticas aos intelectuais, professores e cientistas são estruturadas como denúncias contra uma elite supostamente desconectada da realidade do “povo comum”. Em 18 de setembro de 2018, José Maria Trindade declarou:

“Esses especialistas aí, com seus estudos e pesquisas, vivem num mundo paralelo. Não sabem o que acontece nas ruas. O povo não precisa de teoria, precisa de ação. Bolsonaro entende isso. Por isso incomoda tanta gente nas universidades” (*Os Pingos nos Is*, 18/09/2018).

Essa fala condensa a desqualificação do saber técnico-científico e reforça a legitimidade do saber popular e empírico, característica identificada por Engesser *et al.* (2017) como traço da lógica discursiva populista nas redes. Esse tipo de construção também atua na consolidação de uma divisão entre “nós” e “eles” (Taggart; Patten, 2001), que organiza o campo político de forma binária e moralizada.

“Prefeituras que apoiam o PT Ou seja a polícia federal ela fez essa primeira operação aí relacionada ao orçamento secreto E essas prisões elas são prisões que mostram que o desvio de verba sempre acontece quando tem a mão do PT Então se querem falar de orçamento secreto e da operação da polícia federal nós precisamos mostrar que eles são alinhados do Lula petismo e são do PDT sobre o a fala do presidente bolsonaro nessas referências pedagógicas elas são muito importantes agora na reta final Vitor até porque aqueles que são indecisos ainda estão indecisos eles precisam fazer perguntas muito simples em relação ao seu voto **você cristão você apoia o aborto se você apoia o aborto Cristão que apoia o aborto cristão você já não é Vote no Lula**

senão apoia Você vai votar em quem defende a vida você demoniza as forças policiais e quer que os bandidos paguem por seus crimes você precisa decidir um dos outros um dos dois né você quer mais compostos Ou você quer menos impostos você quer respeito as leis um congresso independente que tem a liberdade e autonomia de discutir as leis sem interferência do Judiciário Ou você quer um congresso o tempo todo De Joelhos para o judiciário ativista e alinhado com o petismo porque não adianta discutir redução de maioria penal não adianta discutir a própria PEC do voto impresso auditável que foi discutida e passou no Congresso há 11 anos sendo que o STF vai lá e derruba então o que você quer você quer a autonomia e Independência entre os poderes Ou você quer uma caneta no Supremo Tribunal Federal administrando o Brasil sem ter um voto se quer de nenhum (HANKEL,2022).

A escolha metodológica de isolar e comparar segmentos discursivos que operam por essa lógica anti-intelectual visou demonstrar como a produção de sentido populista digital se ancora em um antagonismo simbólico entre o “povo autêntico” e as “elites ilegítimas”. Esse antagonismo é reforçado visualmente por meio de memes, imagens de arquivo, cortes dramáticos e entonações exaltadas, compondo o que Cesarino (2022) define como “estética do confronto digital”.

Esse enquadramento discursivo dialoga com os estudos de Rosa *et al.* (2024), que analisam o tecnoservadorismo como estratégia de mediação emocional e ideológica. As narrativas antissistêmicas construídas em *Os Pingos nos Is* articulam ressentimento social, desconfiança institucional e apelo à ação direta — elementos que favorecem a radicalização discursiva e simbólica da nova direita brasileira, como discutido por Rocha (2021).

Dando continuidade à abordagem metodológica, esta etapa concentrou-se na análise da dimensão afetiva do estilo populista digital, considerando os efeitos performativos da linguagem e da emoção no engajamento da audiência. A base teórica dessa análise é fornecida por autores como Letícia Cesarino (2022), Chantal Mouffe (2020) e Valeska Zanello *et al.* (2022), que enfatizam o papel da afetividade na construção de identidades políticas em contextos digitais.

A metodologia consistiu na identificação e categorização de expressões emocionais recorrentes — como indignação, sarcasmo, revolta, orgulho nacional, medo e ressentimento — nos episódios selecionados do programa. O objetivo foi compreender como esses afetos são performados por meio de entonações, repetições, pausas dramáticas, metáforas visuais e

vocabulário coloquial, promovendo aquilo que Zanello *et al.* (2022) denominam como "psicopolítica gendrada das emoções".

Essa performance afetiva aparece, por exemplo, no episódio de 06 de setembro de 2022, quando o comentarista diz:

“O povo está nas ruas porque está cansado de ser humilhado por esses ministros, por essa imprensa covarde. Hoje é dia de mostrar que o Brasil é nosso. Não vamos recuar. O povo está acordado!” (Os Pingos nos Is, 06/09/2022).

Nessa fala, a emoção da indignação se transforma em mobilização. O efeito performativo do discurso se intensifica com a repetição de termos como “povo”, “nosso”, “não vamos recuar”, produzindo uma sensação de pertencimento coletivo. Como destaca Mouffe (2020), os afetos são dimensões constitutivas das identidades políticas e não apenas reações secundárias à razão.

A análise desse tipo de discurso requereu uma escuta atenta aos aspectos paralinguísticos da comunicação (entonação, pausas, ênfase), bem como a observação das estratégias visuais nos vídeos, como planos fechados nos comentaristas, uso de bandeiras nacionais ao fundo, efeitos sonoros e cortes rápidos que reforçam o impacto emocional da mensagem.

Essas estratégias contribuem para a constituição de uma estética populista digital (Cesarino, 2022), cujo objetivo não é apenas informar, mas provocar, identificar e convocar. A convocação, nesse caso, não se limita ao voto, mas se estende à defesa emocional da narrativa populista, que exige lealdade afetiva e engajamento moral.

Por fim, a metodologia contemplou a análise da modulação temporal característica do discurso populista digital, notadamente em sua articulação entre presente, passado e futuro. Essa dimensão é essencial para compreender a forma como a nova direita brasileira, por meio de *Os Pingos nos Is*, constrói um tempo político marcado pela urgência, pela ruptura com o “sistema” e pela promessa de restauração de uma ordem moral idealizada.

A investigação partiu da hipótese, inspirada em Laclau (2013) e Mouffe (2020), de que o populismo opera com uma temporalidade própria, em que o presente é constantemente dramatizado como momento decisivo. Assim, foi conduzida uma análise qualitativa de trechos em que os comentaristas recorrem a expressões como “última chance”, “estamos em guerra”, “o Brasil acordou” ou “não há mais tempo para diálogo”.

Em 27 de setembro de 2018, Augusto Nunes afirmou:

“Se Bolsonaro não ganhar, o Brasil estará entregue ao caos. Esta eleição é a mais importante da história. Não se trata mais de esquerda e direita, mas de civilização contra barbárie” (Os Pingos nos Is., 27/09/2018).

Esse tipo de afirmação opera um corte temporal entre um passado corrompido, um presente crítico e um futuro redentor. A dramatização do tempo político cumpre papel central na estética populista digital, funcionando como vetor de mobilização e polarização (Cesarino, 2022; Rosa *et al.*, 2024).

A análise mostrou que a construção dessa temporalidade discursiva ocorre também pela repetição de eventos simbólicos (como o 7 de setembro) e pelo uso reiterado de referências ao “fim da paciência do povo”, “chegada do momento da virada” ou “última trincheira contra o comunismo”. Essa gramática da urgência constitui o que Paolo Gerbaudo (2018) descreve como “coreografias de assembleias digitais”, que articulam afetos, tempo e ação coletiva no espaço público online.

Em síntese, a metodologia aplicada neste estudo combinou ferramentas da análise de discurso, da semiótica e da teoria política contemporânea para interpretar o estilo de comunicação populista digital da nova direita brasileira, tomando como corpus o programa *Os Pingos nos Is*. A abordagem fundamentou-se em uma perspectiva construtivista do discurso (Laclau, 2013), informada por uma concepção performativa da política e por uma análise afetiva das mediações digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Resultados

5.1.1 Ano de 2018

O corpus correspondente aos meses de setembro e outubro de 2018 foi formado por dois textos extraídos de episódios do programa *Os Pingos nos Is*, gerando 12.831 segmentos de texto (ST), dos quais 12.465 foram aproveitados, representando 97,15% de aproveitamento. As análises computacionais revelaram um total de 447.328 ocorrências, com 18.147 palavras distintas e 7.489 ocorrendo apenas uma vez. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (Figura 1), realizada via software Iramuteq, organizou o material em quatro classes: Classe 1 (59,81%), Classe 2 (11,83%), Classe 3 (16,21%) e Classe 4 (12,15%).

Figura 1. Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (setembro/outubro 2018)



A CHD estrutura os segmentos textuais com base em concorrência vocabular, agrupando termos com proximidade temática e estilística. Esse método permitiu isolar um campo discursivo ligado à Nova Direita emergente. Destacou-se a Classe 2, por sua centralidade à pesquisa, concentrando discursos que reforçam os principais pilares da retórica populista de direita: moralização da política, polarização e construção de inimigos (Laclau, 2013; Wink, 2023).

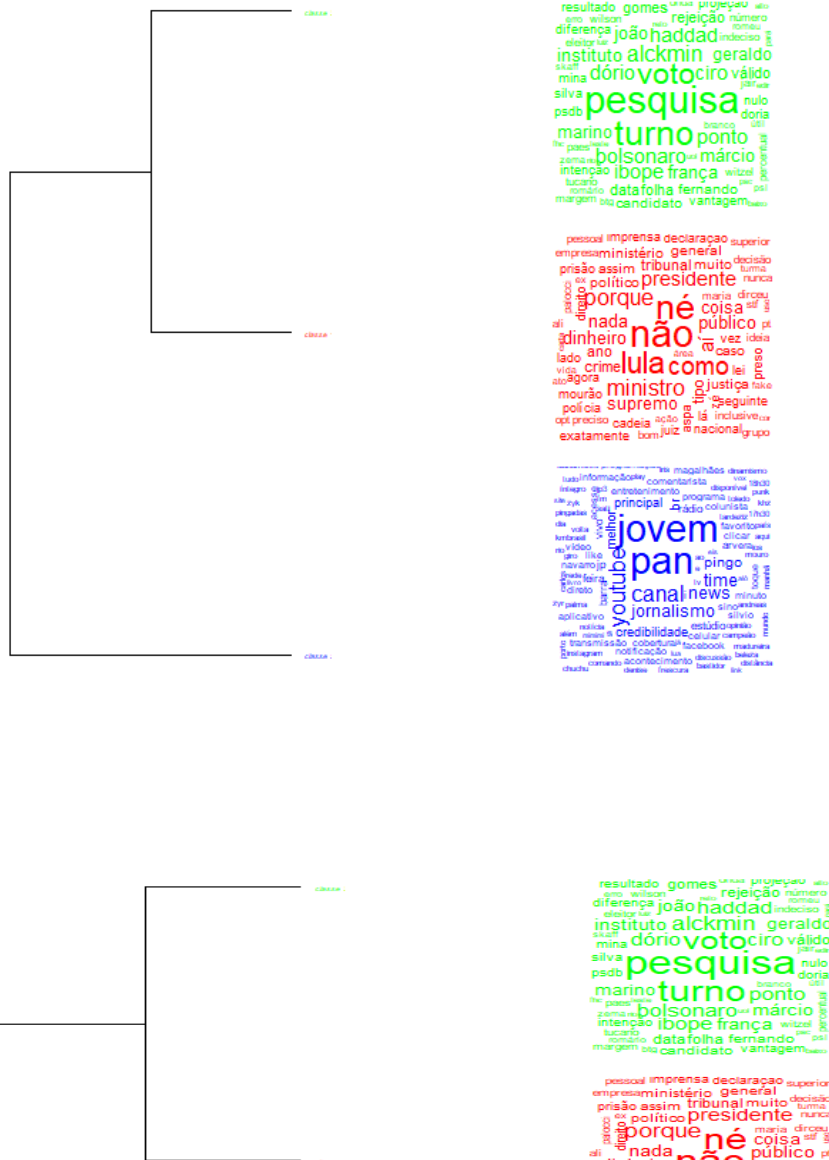
Nessa classe, termos como *prisão*, *Lula*, *Supremo Tribunal*, *Lava Jato*, *condenação* e *corrupção* formam uma cadeia semântica que articula o antagonismo central entre povo e elite corrompida, característica do estilo populista (Cesarino, 2022). Lula, em especial, surge como figura catalisadora de uma identidade negativa: “o outro” a ser combatido em nome da moralidade pública e da regeneração nacional.

A nuvem de palavras correspondente ao mesmo corpus (Figura 2) confirma essa articulação. Mesmo em grafias minúsculas, palavras como *pt*, *ministros*, *delação*, *julgamento*, *Lava Jato* e *prisão* reiteram a ênfase nos temas centrais do antipetismo. Trata-se de um repertório lexical que ecoa as três dimensões fundamentais do discurso populista descritas por Laclau: a denúncia das elites (D1), o apelo direto ao povo como sujeito moral (D2) e a homogeneização cultural do “nós” contra o “eles” (D3) (Laclau, 2013; Mouffe, 2020).

A estrutura discursiva captada pelo software revela, portanto, uma performance populista digital que vai além do conteúdo: ela opera no estilo – na repetição estratégica de conceitos, na simplificação simbólica e na montagem de antagonismos binários – elementos que Cesarino (2019b) interpreta como próprios do populismo algorítmico contemporâneo.

Figura 2. Nuvem de palavras (setembro/outubro 2018)

5.1.2 Ano de 2022



Classes 1

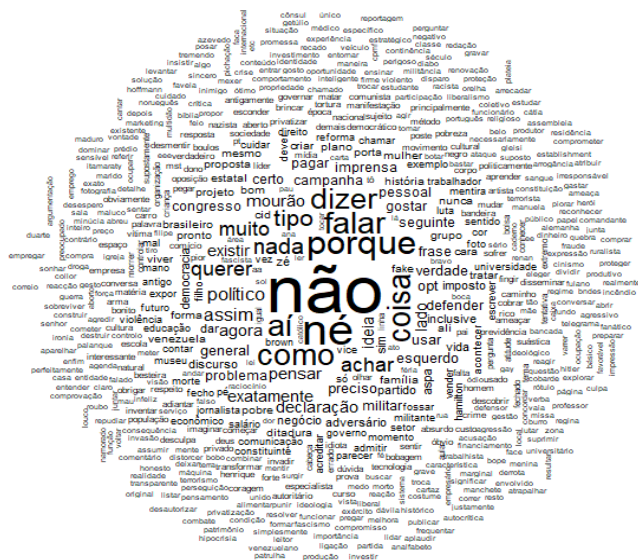
e 2

Os resultados da CHD indicaram que as classes 1 e 2 incorporaram, de forma mais clara, os eixos discursivos da retórica populista da nova direita naquele período eleitoral. A Classe 1, majoritária, reuniu temas como o descrédito nas instituições democráticas, a deslegitimação das pesquisas eleitorais e o reposicionamento de antigos aliados políticos como traidores. Isso reforça a mobilização do que Laclau (2013) define como lógica da equivalência, em que múltiplas insatisfações se articulam sob uma mesma cadeia significativa, alimentando o antagonismo entre povo e elite.

A palavra “Bolsonaro” aparece em destaque, não apenas como referência ao então presidente, mas como metonímia do próprio movimento político em curso. A partir dela, articula-se uma identidade coletiva fundada na negação do adversário – neste caso, Lula, o “outro” que deve ser evitado. Figuras como *Alckmin* e *Haddad* aparecem associadas à traição ou conivência, o que demonstra a lógica afetiva de adesão ao líder, conforme apontado por Mouffe (2020) ao refletir sobre o apelo emocional da política populista.

Conforme visualizado na nuvem de palavras (Figura 4), embora a recorrência de termos diretamente conectados à retórica populista seja mais difusa do que em 2018, o vocabulário dominante ainda evidencia marcas da polarização discursiva. A centralidade da sigla *PT*, ao lado de termos como *tribunal*, *ministros*, *pesquisa* e *Datafolha*, aponta para a estratégia de descredibilização das instituições de controle e aferição democrática, elemento frequentemente mobilizado nas campanhas populistas de direita (Cesarino, 2022; Wink, 2023).

Figura 4. Nuvem de palavras (setembro/outubro 2022)



Além disso, palavras associadas à moralidade pública (como *honestidade*, *corrupção*, *justiça*) reforçam o viés normativo desse discurso, que opera pela denúncia do sistema como corrupto e ilegítimo. Trata-se de uma dinâmica já observada por Gerbaudo (2018), ao analisar

como a desconfiança generalizada se torna combustível para identidades políticas que se afirmam na negação da institucionalidade.

Em suma, a análise comparativa entre os dois anos revela não apenas a permanência da retórica populista da nova direita no *Os Pingos nos Is*, mas também sua reconfiguração para acomodar novos antagonismos e tensionar a esfera pública a partir de elementos discursivos recorrentes e estrategicamente mobilizados.

5.2 Discussão

Os dados extraídos dos programas *Os Pingos nos Is* (2018 e 2022), analisados pelo software Iramuteq, revelam a recorrência de vocabulários e categorias que permitem reconhecer um estilo retórico articulado à lógica do populismo de direita. Essa retórica opera, sobretudo, pela construção de antagonismos simplificadores, pela mobilização afetiva contra as elites institucionais e pela constante identificação de inimigos internos e externos. A centralidade dos termos “Lula”, “PT”, “Supremo Tribunal Federal”, “Lava Jato” e “condenação”, especialmente no corpus de 2018, sugere uma estrutura discursiva orientada por estratégias de deslegitimação que corroboram o que Laclau (2013) denomina como lógica da equivalência — isto é, a articulação de demandas heterogêneas por meio da criação de uma fronteira antagônica entre “nós” e “eles”.

A predominância de termos negativos associados ao Partido dos Trabalhadores, à Justiça e à corrupção reforça a presença de uma retórica antipetista que não se limita a críticas pontuais, mas se organiza como narrativa estruturante da identidade política mobilizada pelos comentaristas do programa. Nesse sentido, observa-se a presença clara de um discurso populista de direita que opera, como sugere Mouffe (2020), por meio da constituição de um “povo” unificado contra um sistema percebido como corrupto, ineficaz e moralmente falido. A autora destaca que o populismo de direita não apenas rejeita elites políticas e intelectuais, mas o faz construindo um projeto de pertencimento cultural e moral excludente, pautado na ordem e na tradição.

No corpus de 2022, embora o antagonismo contra o PT persista, há uma atualização dos inimigos discursivos. Nomes como Alexandre de Moraes, Geraldo Alckmin e Fernando Haddad passam a ocupar espaço ao lado de novas categorias como “censura”, “fake news” e “Datafolha”, sinalizando um deslocamento discursivo que, embora mantenha a retórica da ameaça institucional, adapta-se à conjuntura eleitoral e ao avanço das disputas tecnopolíticas.

Nesse ponto, a análise converge com as proposições de Letícia Cesarino (2022), que observa uma reorganização da racionalidade política sob lógicas de viralização, performatividade e estética de denúncia. Para a autora, a *retórica populista digital* consiste não apenas em um estilo, mas em um novo regime de autoridade epistêmica que desloca o monopólio da verdade das instituições para as redes.

A nuvem de palavras de 2022, ao apresentar termos como “Twitter”, “STF”, “censura”, “ministros” e “liberdade”, confirma a tendência descrita por Cesarino (2019b) de que o populismo digital se estrutura como uma forma de resistência discursiva ao que é representado como um “sistema opressor”, mesmo quando esse “povo” encontra-se no poder executivo. Tal configuração paradoxal é também analisada por Wink (2023), ao afirmar que o conservadorismo contemporâneo brasileiro se legitima não pelo discurso de continuidade institucional, mas pela denúncia constante de uma suposta ameaça à soberania popular, encarnada ora nas instituições, ora na imprensa, ora em minorias políticas.

A construção reiterada do inimigo — seja o “sistema judiciário aparelhado”, os institutos de pesquisa ou a esquerda cultural — evidencia o uso daquilo que Laclau (2013) chama de significantes vazios, capazes de condensar insatisfações diversas sob um mesmo rótulo. Assim, o termo “PT” ultrapassa sua função como sigla partidária e passa a operar como símbolo totalizante do mal político, da corrupção e do desarranjo social. Esse fenômeno discursivo, sustentado por um estilo de comunicação que privilegia a repetição, a simplificação e a polarização, também é identificado por Rocha (2021), que caracteriza a nova direita brasileira como herdeira do antipetismo difuso e articuladora de um liberalismo culturalmente beligerante, mais próximo do libertarismo de Mises do que do conservadorismo clássico.

Nesse contexto, a retórica populista analisada nos programas de 2018 e 2022 demonstra uma continuidade em sua estrutura antagonística, mas também uma adaptação às lógicas digitais. Como destaca Hameleers *et al.* (2017), o populismo midiático apela às emoções e ao senso de injustiça vivenciado pelos cidadãos comuns, instrumentalizando os meios de comunicação para reforçar sentimentos de exclusão e indignação. Os segmentos analisados sugerem que *Os Pingos nos Is* opera como uma plataforma de disseminação dessa gramática discursiva, com apresentadores e comentaristas desempenhando funções quase sacerdotais na repetição de slogans, denúncias e julgamentos morais.

A análise da nuvem de palavras de 2022 revela também a presença intensificada de expressões como “liberdade de expressão”, “censura” e “ministro Alexandre de Moraes”, indicando um deslocamento do discurso da nova direita no programa para a temática da repressão institucional à livre manifestação. Esse redirecionamento do antagonismo — dos

partidos políticos tradicionais para os órgãos de controle democrático — exemplifica o que Albérico Neto e Emílio Negreiros (2022) qualificam como *populismo digital reativo*, no qual o campo da tecnopolítica é apropriado para construir uma retórica de resistência mesmo quando se ocupa o poder formal.

A noção de “resistência invertida” se articula à lógica da retórica populista tal como descrita por Simon Tormey (2019), que destaca a ênfase na ação direta, na negação da mediação institucional e na legitimação da fala popular como fonte única de autoridade. Os comentaristas do programa reiteram esse tipo de discurso ao sugerirem que apenas as redes sociais permitem acesso à “verdade” — construída de forma performática, fragmentada e afetiva. Esse modelo se afina com a leitura de Engesser *et al.* (2017), segundo os quais o populismo digital se desdobra não como uma ideologia coesa, mas como uma estratégia de comunicação baseada na fragmentação, na hiperpersonalização e na exploração de ressentimentos difusos.

O discurso articulado em *Os Pingos nos Is*, ao eleger continuamente adversários institucionais e ativar dicotomias morais, reforça o modelo proposto por Block e Negrine (2017), que identificam o estilo comunicacional populista por meio de características como: construção de inimigos simbólicos, dicotomias simplificadas (bem vs. mal), uso emocional da linguagem, e representação do povo como entidade homogênea e virtuosa. Todos esses elementos estão fortemente presentes no corpus de 2022, sobretudo nos episódios em que se critica a atuação do STF, das universidades públicas, dos institutos de pesquisa e da grande mídia, articulando-se um discurso de desconfiança que amplia o fosso entre instituições e público.

Essa estratégia de representação está em consonância com a ideia de tecnocconservadorismo discutida por Rosa *et al.* (2024), segundo os quais a nova direita digital brasileira utiliza recursos narrativos e estéticos para produzir um simulacro de dissidência e verdade. A estética visual do programa, o tom dramático das intervenções dos comentaristas e o uso reiterado de expressões como “eles querem calar o povo”, “censura do bem” ou “narrativa oficial” compõem uma lógica de verossimilhança emocional, onde a convicção substitui a verificação. Tal lógica é sustentada pela circulação de memes, vídeos virais e clipes recortados — formas de expressão centrais no populismo digital, conforme também sublinham Dullo, Hatzikidi e Cesarino (2023).

É nesse contexto que se consolida o uso estratégico da *pós-verdade*, conforme descrito por Cesarino (2019b). A retórica de *Os Pingos nos Is* reconfigura a disputa política como uma batalha moral, deslocando a ênfase da factualidade para a autenticidade emocional. As narrativas ali construídas ignoram intencionalmente a complexidade dos fatos em favor de

histórias fáceis de compartilhar e difíceis de contestar, estratégia típica da guerra semiótica promovida por agentes do populismo digital. Como Cesarino (2022) observa, a *estetização do dissenso* torna-se central: quem fala mais alto, mais indignado e mais frequentemente, passa a ser percebido como mais legítimo.

A construção do "povo" como vítima de instituições repressoras — mesmo sob um governo conservador — encontra sustentação nas categorias de Laclau (2013), que vê o populismo como a forma por excelência da construção da hegemonia em momentos de crise da representação. Nos episódios analisados, a figura do “cidadão comum”, evocada pelos comentaristas, é sempre moralmente superior, economicamente produtiva e culturalmente cristã, enquanto seus opositores são apresentados como elites corruptas, ativistas mimados ou burocratas autoritários. Essa estratégia de essencialização e polarização sustenta o que Laclau denomina como lógica da equivalência: “a relação que unifica uma pluralidade de demandas em um sistema comum de oposição”.

Com isso, temos uma configuração na qual o discurso populista digital, conforme delineado nos episódios analisados, não apenas constrói um antagonismo político, mas modela uma subjetividade coletiva que se identifica pela indignação, pelo ressentimento e pela afirmação de um pertencimento imaginado. Essa subjetividade é intensamente gendrada e racializada, conforme apontam Zanello *et al.* (2022), que analisam a psicopolítica das emoções no governo Bolsonaro. A construção do “homem de bem” como símbolo do povo mobiliza códigos conservadores de gênero e moralidade, que aparecem reiteradamente nos episódios como contraponto à “degeneração esquerdista”, à “ideologia de gênero” e à “ameaça comunista”.

A forma como o discurso de *Os Pingos nos Is* se insere na ecologia comunicacional contemporânea articula-se diretamente com os conceitos de tecnopolítica e sociedade de controle, conforme formulados por Avelino, Silveira e Souza (2018). O uso estratégico de plataformas digitais para modular afetos e distribuir narrativas curtas, emocionalizadas e virais se apresenta como uma prática central da nova direita, que se vale da arquitetura algorítmica das redes para a disseminação de conteúdos disjuntivos e polarizantes. Nesse sentido, os episódios do programa não são meramente informativos: operam como vetores de uma forma específica de engajamento político, baseada na vigilância dos opositores e na vigilância afetiva entre os próprios seguidores.

Como observa Gerbaudo (2018), o populismo digital institui uma nova lógica de organização política em que as mediações clássicas (partidos, sindicatos, imprensa tradicional) são substituídas por fluxos comunicacionais centrados no carisma digital, na retórica direta e na

produção constante de mobilizações episódicas. Essa configuração está claramente presente no modo como *Os Pingos nos Is* transforma seus comentaristas em figuras de autoridade opinativa, cujas falas não apenas orientam percepções, mas legitimam atos políticos — como marchas, boicotes e discursos de ódio — disseminados imediatamente após a veiculação dos episódios.

Tais práticas podem ser compreendidas também como formas de performatividade populista. Como argumenta Chantal Mouffe (2020), o populismo não opera apenas no nível da linguagem, mas se encarna em atos, gestos e performances públicas que visam construir uma identificação afetiva entre o líder ou o porta-voz e seu público. Os comentaristas do programa performam esse vínculo ao adotarem posturas de indignação cívica, falas interrompidas por apelos emocionais e encenações de perseguição moral. Essa dimensão performática é essencial para a lógica da construção hegemônica populista, conforme também analisado por Parzianello (2020), que destaca a teatralização do antagonismo como uma característica distintiva do populismo contemporâneo.

O uso reiterado de marcadores identitários como “cristão”, “patriota”, “produtor”, “pai de família” não é acidental: constitui uma estratégia discursiva de condensação simbólica que permite construir a equivalência entre diferentes demandas sob o signo unitário de um “povo moralmente puro”, em oposição aos “inimigos internos”. Essa prática remete diretamente à análise de Ernesto Laclau (2013), que vê na articulação hegemônica o processo por meio do qual significantes vazios como “povo” se tornam catalisadores de demandas heterogêneas, reunidas por meio de operações retóricas. Nos episódios analisados, essa articulação se dá por meio da constante interposição entre “nós” e “eles”, estruturando uma narrativa simplificada do mundo, que favorece o engajamento acrítico e emocional.

Marques e Carlos (2025) aprofundam essa crítica ao demonstrar como o populismo de extrema direita no Brasil se caracteriza por uma retórica de vitimização reversa: ainda que seus representantes estejam no poder, continuam a se apresentar como ameaçados, acuados e censurados, estratégia recorrente nos episódios de 2022, nos quais os comentaristas acusam o STF, a mídia tradicional e os adversários políticos de cercear liberdades. Essa inversão retórica é estratégica: mobiliza indignação e legitima ações políticas radicais sob o manto da “defesa da liberdade”.

Além disso, a apropriação tecnopolítica dessa retórica se articula com o que Wink (2023) identifica como “comunicação conservadora de guerra”. Segundo o autor, a nova direita brasileira não apenas critica seus opositores, mas os desumaniza por meio de associações sistemáticas entre esquerdismo, corrupção, criminalidade e degeneração moral. Essa gramática discursiva está amplamente presente nas falas dos comentaristas do programa, sobretudo nos

episódios que atacam figuras como Lula, Alexandre de Moraes ou jornalistas da grande imprensa, frequentemente designados como “sociopatas”, “autoritários” ou “inimigos do povo”.

Tal estrutura de desqualificação moral está diretamente alinhada à lógica da tecnopolítica da indignação, conceito explorado por Pablo Ornelas Rosa *et al.* (2024), que aponta como a nova direita se vale da arquitetura das redes para amplificar ressentimentos sociais, transformando sentimentos difusos de frustração em engajamento político de natureza reativa e afetiva. Os episódios de setembro e outubro de 2022, com destaque para os que abordam as eleições e os embates com o Judiciário, são exemplos claros dessa prática: inflamam emocionalmente o público, sugerem a ilegitimidade do processo democrático e reafirmam a exclusividade da verdade moral dos “conservadores”.

Os dados obtidos também evidenciam o esvaziamento da esfera pública racional em favor de um campo discursivo fortemente emocionalizado, desinformativo e polarizado, conforme advertido por Ernesto Laclau (2011) ao analisar o colapso da razão liberal como princípio ordenador do discurso político moderno. A racionalidade deliberativa, idealizada pelas democracias liberais, é substituída por um jogo de afetos, antagonismos morais e slogans identitários que impedem a construção de um campo de disputas pluralistas e agonísticas. Nesse sentido, o discurso do programa *Os Pingos nos Is* tensiona os limites da democracia representativa ao erigir uma lógica binária, excludente e ressentida, na qual a “opinião do povo” se sobrepõe às instituições republicanas.

Essa configuração encontra ressonância direta na crítica de Mouffe (2020), que aponta a insuficiência da racionalidade tecnocrática liberal em responder às demandas sociais desarticuladas pela globalização neoliberal. Para a autora, a ascensão do populismo — tanto de esquerda quanto de direita — resulta do fracasso das elites liberais em permitir o dissenso legítimo no interior das democracias. No caso brasileiro, como demonstra o corpus analisado, o populismo da nova direita captura esse vazio ao apresentar-se como única voz autêntica do povo contra uma elite cosmopolita e traidora, discurso reiteradamente reproduzido pelos comentaristas de *Os Pingos nos Is*.

A partir dessa lógica, o programa sustenta um estilo de comunicação populista que se ancora não apenas na denúncia e no antagonismo, mas também na performatização da verdade, conforme discutido por Letícia Cesarino (2022). O uso de fatos alternativos, meias-verdades e insinuações não é um desvio da verdade, mas parte essencial de um regime de verificação que desloca os critérios de autoridade epistêmica para o campo da identificação moral. O “verdadeiro” é aquele que se alinha com os afetos e valores do grupo — o que explica a

aceitação acrítica de narrativas conspiratórias, como as que envolvem fraudes eleitorais ou supostas ações de censura por parte do STF.

Esse deslocamento está vinculado à construção de uma estética digital do populismo, como argumenta Cesarino (2019b), em que as redes sociais operam como cenário de uma performance comunicacional que combina informalidade, indignação e teatralização da denúncia. O programa estudado, ao se posicionar como uma extensão dessa ecologia midiática, abandona o jornalismo profissional e se assume como arena de disputa política direta, moldando sua linguagem às lógicas da viralização e da retórica do confronto. A nuvem de palavras evidencia esse processo ao destacar termos como “liberdade”, “povo”, “corrupção”, “inversão de valores” e “censura”, categorias que funcionam como marcadores de pertencimento e convocação política.

O processo observado corrobora ainda os apontamentos de Borges e Vidigal (2023), que identificam na nova direita brasileira uma radicalização comunicacional assentada em quatro pilares: antipetismo, anticomunismo, antipolítica e antiprensa. Esses vetores estruturam o repertório discursivo dos comentaristas de *Os Pingos nos Is*, que operam como mediadores simbólicos da cruzada moral bolsonarista, ocupando o lugar da opinião autorizada e popular. Em diversos episódios, identificou-se a fusão entre opinião e militância, deslegitimando qualquer dissidência como traidora ou antibrasileira — um ponto de inflexão entre a crítica legítima e a violência simbólica.

Nesse sentido, os achados do presente estudo também dialogam com a análise de Georg Wink (2023), segundo a qual a nova direita brasileira atualiza o conservadorismo autoritário com recursos tecnológicos e retóricos do século XXI. O que está em jogo não é apenas a comunicação, mas a constituição de um imaginário social em que a autoridade se legitima pelo ataque ao outro, pela reafirmação de hierarquias tradicionais e pela revalorização de papéis sociais excludentes. A retórica de gênero adotada por certos comentaristas, como nos episódios que atacam pautas feministas e LGBTQIA+, exemplifica essa lógica de reinscrição da ordem social como reação a um suposto caos provocado pela esquerda.

Essa dinâmica é também abordada por Zanello, Richwin e Sallorenzo (2022), ao explorarem o uso de memes e discursos visualmente impactantes para sustentar uma “psicopolítica gendrada das emoções”. A constante mobilização da indignação moral, da zombaria e da virilidade ofensiva faz parte da gramática política da nova direita, moldando seus líderes e representantes midiáticos como figuras de força, clareza e coragem. Os comentaristas de *Os Pingos nos Is* encarnam esse papel ao performarem indignação com teatralidade

calculada, convertendo suas falas em atos de resistência simbólica e pedagogia política para seus públicos.

Assim, os resultados deste estudo confirmam que a comunicação da nova direita, mediada por programas como *Os Pingos nos Is*, não apenas reproduz os elementos teóricos do populismo digital, mas os reconfigura em um ecossistema tecnopolítico em que a retórica se converte em ação. O campo discursivo criado por esse programa contribui para a erosão da esfera pública democrática ao reiterar discursos de ódio, falsear consensos e naturalizar a polarização. Como adverte Camila Rocha (2021), trata-se de uma mutação profunda na cultura política brasileira, em que o liberalismo de mercado se combina com o autoritarismo moral, produzindo um sujeito político reativo, beligerante e despolitizado.

Conforme observa Simon Tormey (2019), o populismo contemporâneo não pretende abolir a democracia, mas colonizá-la discursivamente, esvaziando suas formas institucionais por meio da substituição dos procedimentos por identificações afetivas. Esse processo, intensificado pelas práticas comunicacionais aqui analisadas, aponta para o risco de normalização de formas autoritárias de pensamento, sobretudo quando legitimadas por vozes midiáticas com ampla penetração e reconhecimento social.

Por fim, a articulação entre os dados obtidos e os referenciais teóricos reforça a compreensão de que o estilo de comunicação populista digital da nova direita brasileira, tal como manifestado em *Os Pingos nos Is*, opera como uma estratégia de hegemonia discursiva, fundada na simplificação dos conflitos, na emocionalização do discurso público e na desqualificação sistemática do dissenso. Este cenário exige atenção crítica, não apenas acadêmica, mas também institucional e civil, diante das ameaças que representa à pluralidade democrática e à convivência política em sociedades complexas.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como propósito analisar como o programa *Os Pingos nos Is*, veiculado pelo YouTube, mobilizou uma retórica populista durante os períodos eleitorais de setembro e outubro de 2018 e 2022. A investigação concentrou-se não apenas no conteúdo verbal dos comentaristas, mas também nos efeitos produzidos pelo estilo e contexto de circulação das mensagens, considerando o impacto das plataformas digitais na estruturação de discursos políticos. A análise abrangeu 52 episódios, permitindo uma comparação entre dois momentos cruciais de acirramento político no Brasil.

A dissertação estruturou-se em três capítulos complementares. O primeiro apresentou os fundamentos teóricos que sustentam a ideia de populismo como estilo discursivo, destacando a centralidade do antagonismo entre povo e elite, a articulação de demandas não representadas, a construção de identidades políticas e a mobilização de afetos. Esse capítulo também introduziu a conexão entre o estilo populista e os recursos retóricos clássicos, articulando tais elementos à emergência do populismo digital em ambientes mediados por plataformas tecnológicas. O segundo capítulo concentrou-se na conformação da nova direita brasileira e na consolidação de uma linguagem conservadora, moralista e antipetista, que encontrou respaldo tanto em intelectuais orgânicos como em veículos de comunicação alternativos. O terceiro capítulo trouxe a análise empírica dos episódios do programa jornalístico, com foco nos elementos de repetição, antagonismo, simplificação argumentativa e moralização do debate.

Durante o processo analítico, foram evidenciadas três características recorrentes nos discursos: o antielitismo, o apelo direto ao povo e o viés monocultural. Esses elementos, presentes de maneira constante nos dois períodos eleitorais examinados, indicam uma estrutura retórica marcada pela construção sistemática de inimigos internos, personalização da política e articulação de valores morais e religiosos como forma de legitimar posições políticas. Em 2018, observou-se um forte direcionamento do discurso contra o ex-presidente Lula e contra instituições como o Supremo Tribunal Federal e o Supremo Tribunal Eleitoral, apresentadas como cúmplices de uma suposta desordem institucional. A crítica à corrupção, à impunidade e ao uso da máquina pública foi constante e serviu como justificativa para a adesão a uma figura política outsider, identificada como a única capaz de enfrentar o sistema.

As ferramentas utilizadas na análise, como as nuvens de palavras e as classificações hierárquicas descendentes, revelaram um padrão discursivo ancorado na repetição de termos associados à criminalidade política e à ilegitimidade institucional. Palavras como “Lula”,

“prisão”, “delação”, “STF” e “corrupção” compuseram o repertório central dos episódios de 2018, reforçando a construção de uma narrativa antagonista e excludente. O antagonismo discursivo não se limitou à crítica partidária, mas alcançou instituições inteiras, criando uma imagem de decadência moral e institucional que exigiria uma resposta igualmente radical por parte da população.

Em 2022, esse estilo discursivo foi mantido, mas com variações importantes. A figura do presidente em exercício passou a ocupar o papel de representante legítimo do povo, enquanto os adversários, especialmente o ex-presidente Lula, foram intensamente associados à ameaça de retorno ao caos político. As críticas às instituições tornaram-se ainda mais acentuadas, sobretudo em relação às decisões judiciais e às pesquisas eleitorais, tratadas com desconfiança e descrédito. A linguagem adotada pelos comentaristas reforçou a ideia de que havia um complô institucional contra a vontade popular, promovendo uma retórica de resistência.

Outro aspecto que marcou o discurso em 2022 foi a intensificação da moralização da política. A oposição não foi apenas desqualificada por critérios administrativos ou programáticos, mas foi retratada como moralmente inferior, promotora de valores contrários aos princípios éticos e religiosos da maioria da população. Essa estratégia de diferenciação absoluta entre o “nós” e o “eles” contribuiu para fortalecer uma visão monocultural do país, em que não há espaço para o dissenso, a pluralidade ou o contraditório. O uso de expressões associadas à religião, à família e à pátria intensificou essa retórica moralizante.

As nuvens de palavras de 2022 evidenciaram uma ampliação do vocabulário ligado à polarização, incluindo termos como “pesquisa”, “general”, “prisão”, “voto” e “presidente”. A densidade e a diversidade de termos indicaram uma maior sofisticação do discurso, mas sem perder a essência maniqueísta. A análise visual permitiu identificar os núcleos temáticos que organizaram os comentários dos jornalistas, revelando padrões de repetição, seleção lexical e estrutura argumentativa que contribuíram para reforçar determinadas visões de mundo.

A estrutura de funcionamento do programa analisado, com comentários contínuos, linguagem direta e apelo emocional, mostrou-se compatível com o ambiente digital e com a lógica de viralização característica das plataformas. A audiência crescente e o engajamento elevado evidenciaram que o conteúdo veiculado ali encontrava forte ressonância com parcelas significativas da população, especialmente aquelas já sensibilizadas por narrativas de crise, injustiça e corrupção.

O fenômeno de metaenquadramento se manifestou de forma clara na maneira como os comentaristas adotaram um estilo comum, compartilhado por diversos agentes da nova direita brasileira, ainda que nem sempre de maneira coordenada. A reprodução de termos, expressões e

argumentos típicos do discurso populista de direita, aliada ao uso das plataformas digitais, contribuiu para disseminar uma forma de narrar a realidade política que, mesmo sem se declarar partidária, adotava uma postura sistematicamente contrária a determinados grupos e instituições.

Dessa forma, pode-se afirmar que o programa *Os Pingos nos Is* atuou, nos momentos analisados, como um disseminador de elementos característicos do estilo populista de comunicação digital. O programa não apenas refletiu o momento político, mas também ajudou a moldá-lo, ao selecionar, organizar e difundir determinadas interpretações da realidade que reforçavam a lógica do antagonismo. O uso constante de uma linguagem de conflito, a construção de identidades coletivas em oposição a inimigos internos e a mobilização de afetos como indignação, raiva e medo contribuíram para consolidar uma visão polarizada da política nacional.

Por fim, a dissertação evidencia que o populismo de direita no Brasil não se limitou à atuação de líderes políticos, mas encontrou respaldo e amplificação nos meios de comunicação digital, especialmente em formatos híbridos como os programas jornalísticos opinativos transmitidos por plataformas online. A linguagem populista tornou-se um recurso de comunicação recorrente e eficaz para captar atenção, engajar audiências e influenciar o debate público, moldando subjetividades e redefinindo os limites do aceitável no discurso político contemporâneo.

REFERENCIAS

ARAÚJO, R. R. B. de. Reflexões sobre populismo e democracia no pensamento de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. **Mediações**, v. 26, n. 2, p. 347-361, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mediacoes/a/fXYnR3qyWXPfKf34h3MZgvL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2025.

AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. da; SOUZA, J. (org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018.

BLOCK, E.; NEGRINE, R. The populist communication style: Toward a critical framework. **International Journal of Communication Systems**, v. 11, p. 178-197, 2017. Disponível em: <https://eprints.whiterose.ac.uk/110976/3/5820-23679-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2025.

BORGES, A.; VIDIGAL, R. Introdução: para entender a nova direita brasileira. In: _____. **Para entender a nova direita brasileira: polarização, populismo e antipetismo**. Porto Alegre: Zouk, 2023. p. 9-50. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/372780820>. Acesso em: 05 mar. 2025.

BRUNER, Jerome. *Acts of Meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990. (Ou *A Cultura da Educação*, que também aborda a importância da narrativa).

CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, 2019. No prelo.

DULLO, E.; HATZIKIDI, K.; CESARINO, L. Por uma antropologia da democracia — e de seus desafios. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, p. e650201, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/NrLXFzQXGNh3wQNbP7VbzGb/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ENGESSER, S. *et al.* Populism and social media: How politicians spread a fragmented ideology. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 8, p. 1109-1126, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/308893729>. Acesso em: 14 fev. 2025.

FILHO, P. de O. *et al.* A identidade da nova direita brasileira em narrativas de seus militantes. **Psicologia USP**, v. 33, p. e210105, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/SLDRFVkwNHKq3g3BFwQN3mk/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

GERBAUDO, P. **The digital party: political organisation and online democracy**. London: Pluto Books, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=EkZnEQAAQBAJ>. Acesso em: 24 mar. 2025.

GOULART, M. Luta hegemônica e populismo na América Latina: teoria e prática a partir de Ernesto Laclau. **Teoria & Pesquisa**, v. 26, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/download/556/350>. Acesso em: 27 jan. 2025.

HAMELEERS, M.; BOS, L.; VREESE, C. H. de. The appeal of media populism: the media preferences of citizens with populist attitudes. **Mass Communication and Society**, v. 20, n. 4, p. 481-504, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15205436.2017.1291817>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CNN Brasil. **Nikolas Ferreira veste peruca na Câmara e diz: mulheres estão perdendo espaço para homens que se sentem mulheres**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nikolas-ferreira-veste-peruca-na-camara-e-diz-mulheres-estao-perdendo-espaco-para-homens-que-se-sentem-mulheres/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

KALIL, I. O. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. **Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da FESPSP**, out. 2018.

LACLAU, E. **A razão populista**. Trad. C. E. M. de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, E. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LIMA, V. de. **Mídia: teoria e política**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARQUES, M. S.; CARLOS, E. O populismo de extrema direita no governo Bolsonaro: uma abordagem discursiva. **Sociologias**, v. 27, p. e140107, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/Rdd3xgrqpCF9Cr5QrLNPT8R/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MOUFFE, C. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Tw7jEAAAQBAJ>. Acesso em: 03 mar. 2025.

NETO, A.; NEGREIROS, E. Considerações sobre a necessidade de um populismo digital de esquerda. **Singular: Social e Humanidades**, v. 1, n. 4, 2022.

OLIVEIRA, A. S. de; LEITE, B. R. de M.; MARQUES, R. S. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas mídias sociais. **Em Tese**, v. 18, n. 2, p. 245-269, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/78974/47376>. Acesso em: 22 jan. 2025.

OS PINGOS NOS IS. **Amigo de Lula no TSE/ Rosa Weber assume STF/ Twitter rebate Moraes**. Os Pingos nos Is, 12 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UAuA1jrF5n0&t=710s>. Acesso em: 17 fev. 2025.

OS PINGOS NOS IS. **Bolsonaro enquadra Lula/ Alckmin contra a Lava Jato/ Ovos em Haddad**. Os Pingos nos Is, 09 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HIKjmNosowk&t=6038s>. Acesso em: 20 mar. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 03 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57HO4i2a2GE&t=1469s>. Acesso em: 10 fev. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 08 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9qHhYra9H4I&t=492s>. Acesso em: 28 jan. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 16 out. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YE3_LHFgzPE&t=4261s. Acesso em: 09 mar. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 17 set. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7we0_HItEJk&t=2484s. Acesso em: 04 fev. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 18 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQ210IRUCHU&t=600s>. Acesso em: 11 fev. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=On0RNU996co&t=3275s>. Acesso em: 15 mar. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 05 set. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vR_ZwLUaWvA&t=840s. Acesso em: 30 jan. 2025.

OS PINGOS NOS IS. Os Pingos nos Is. 02 out. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_-f1BHUKK9o&t=4494s. Acesso em: 18 mar. 2025.

OS PINGOS NOS IS. **Povo nas ruas no 7 de setembro/ PCC na eleição/ Silveira barrado.** Os Pingos nos Is, 06 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BogK8-LlopM&t=6432s>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PARZIANELLO, G. L. O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 12, n. 36, p. 49-64, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/download/46439/pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

REBUÁ, E. *et al.* **(Neo) fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Td4NEAAQBAJ>. Acesso em: 07 jan. 2025.

ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021.

ROSA, P. O. *et al.* **Tecnoconservadorismo e o Brasil Paralelo.** São Paulo: Autonomia Literária, 2024. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=L4UjEQAAQBAJ>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SANTOS, F.; TANSCHUIT, T. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, n. 99, p. 151-186, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/colombiaint/pdf/4899>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SOUZA, M. A. D. de; FINGUERUT, A. Que direita é esta? As referências a Trump na nova direita brasileira pós-Michel Temer. **Revista Tomo**, n. 33, p. 229-269, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/download/9357/7503>. Acesso em: 02 mar. 2025.

TAGGART, P.; PATTERN, S. Populism. **Labour**, n. 48, p. 335, 2001. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/e7bb9a7d6f6fe6b67aef9f059c7397de/1>. Acesso em: 05 fev. 2025.

TORMEY, S. **Populismo: uma breve introdução.** São Paulo: Cultrix, 2019.

WINK, G. **Conservadorismo brasileiro e a nova direita.** Belo Horizonte: [s.n.], 2023. 308 f.

ZANELLO, V.; RICHWIN, I. F.; SALLORENZO, L. Psicopolítica gendrada das emoções no governo Bolsonaro: memes e masculinidade hegemônica. **PLURAL: Revista de Psicologia UNESP Bauru**, v. 1, p. e022003, 2022. Disponível em: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/download/17/2>. Acesso em: 01 fev. 2025.

